



EDITORIAL

UMA FÉ QUE GERA OU APENAS SE REPETE

Há experiências dentro da comunidade que não aparecem, mas sustentam tudo. Mães que atravessam o cansaço sem reconhecimento, famílias que seguem de pé mesmo quando tudo parece faltar, pessoas que permanecem quando outros já se afastaram. Não fazem barulho, não ocupam espaço, mas mantêm a vida acontecendo. Maio nos obriga a olhar para isso, não porque seja um mês diferente, mas porque nos tira do discurso e nos coloca diante daquilo que realmente sustenta a vida.

A tradição da Igreja dedicou este mês à Virgem Maria por uma razão simples e profunda. A fé não se aprende apenas com ideias, aprende-se quando se torna vida. Maria não é um elemento decorativo da fé. Nela, a Palavra deixa de ser anúncio e se torna decisão, caminho, história concreta. Quando o povo reza, prepara seus altares ou entoa suas ladainhas, não está apenas repetindo gestos antigos, está dizendo que quer aprender a viver assim, com escuta, disponibilidade e coragem. Esse caminho se torna mais exigente quando atravessado pela Páscoa. Maria permanece quando a promessa se obscurece, quando a cruz desorganiza tudo e quando Deus parece silencioso. Ela não explica, permanece. E isso muda o modo de compreender a fé, porque há momentos em que ela não esclarece tudo, mas sustenta, não resolve, mas impede que tudo desmorone.



É nesse horizonte que Pentecostes deixa de ser apenas uma festa e se torna critério. A Igreja nasce quando o Espírito é acolhido e quando o medo deixa de orientar as decisões. Maria está ali, não conduz, mas permanece, sustenta a unidade e persevera na oração. E isso nos coloca diante de uma pergunta inevitável: o que

realmente tem orientado nossas decisões comunitárias? O discernimento ou a necessidade de segurança? O Espírito ou o medo de errar, de perder, de se expor? Organizamos encontros, planejamos atividades, mantemos a estrutura funcionando, mas nem sempre paramos para discernir com a mesma profundidade aquilo que estamos vivendo. Essa questão não aparece apenas nas estruturas da comunidade. Ela atravessa a vida concreta, as famílias que sustentam seus lares em silêncio, os jovens que ainda procuram sentido, as pessoas que continuam rezando mesmo quando tudo parece vazio. Tudo isso revela que existe algo mais profundo em jogo. E é exatamente aqui que a reflexão deixa de ser confortável.

O Dia das Mães, cercado de palavras bonitas, pode facilmente se tornar superficial. Celebrar é fácil. Sustentar o que a maternidade significa é outra coisa. Porque, à luz da fé, não se trata

apenas de afeto, mas de responsabilidade, desgaste, renúncia e, muitas vezes, solidão silenciosa. Maria não é lembrada porque foi exaltada, mas porque permaneceu. E isso nos obriga a ir além das homenagens. Estamos realmente próximos de quem sustenta a vida ou apenas reconhecemos de longe.

Ao longo do mês, celebramos Nossa Senhora Auxiliadora, padroeira de Goiânia. Essa invocação nasce da experiência

de quem aprendeu que não se sustenta sozinho. Em uma cultura que valoriza a autonomia como autossuficiência, chamar Maria de Auxiliadora é um gesto de realismo. Talvez essa seja uma conversão que ainda evitamos. O mês se encerra com a Visitação. Maria não se fecha após o anúncio, ela se levanta e vai. A fé, quando é verdadeira, não se protege nem se acomoda, ela se move, se aproxima, assume o risco do encontro. E aqui a pergunta é inevitável. De quem estamos nos aproximando. Quem já deixou de esperar por nós. A fé que não se traduz em proximidade corre o risco de permanecer apenas como afirmação.

Tudo isso revela uma unidade. A fé que acolhe, que permanece, que se deixa conduzir e que se move em direção ao outro. Quando essa unidade se rompe, a fé continua sendo celebrada, mas deixa de gerar vida. A Revista Digital A Caminho de Emaús se insere nesse espaço, não apenas para registrar acontecimentos, mas para ajudar a compreender o que está sendo vivido. Ao percorrer estas páginas, não se trata apenas de acompanhar atividades, mas de reconhecer um caminho, jovens que buscam sentido, famílias que se fortalecem, crianças que iniciam sua caminhada, grupos que sustentam a vida da comunidade.

Se, ao final deste mês, tudo permanecer como está, teremos celebrado. Mas isso não significa que tenhamos avançado, porque a fé não foi dada para ser mantida, foi dada para transformar. Talvez o problema não seja a falta de fé, mas a forma como nos acostumamos a viver com pouco dela. Há mudanças que reconhecemos, mas adiamos. Há decisões que compreendemos, mas não assumimos. E é exatamente aí que a fé deixa de ser caminho e se torna repetição. Não é a ausência de Deus que nos impede de avançar, é a forma como nos acomodamos ao que já conseguimos viver.

Pe. Rubens Sodrê Miranda, CSS
Pároco

FICHA TÉCNICA

Instituição Responsável:

Paróquia Nossa Senhora
Aparecida e Santa Edwiges

Direção Geral

Pe. Rubens Sodrê Miranda, CSS

Jornalista Responsável

Leonardo Bruno Cunha Ferreira

Redação

Pe. Rubens Sodrê Miranda, CSS
Leonardo Bruno Cunha Ferreira
Débora Carneiro Ávila
Waldevira Bueno Pires de Moura

Fotografia

Pastoral da Comunicação
Arquivos da Paróquia

Diagramação

Gráfica e Editora América Ltda.

Contato

paroquiasantaedwiges16@gmail.com
(62) 3259-8374 - (62) 98410-0165

Endereço:

Rua C-252, quadra 589, lote 12,
Setor Nova Suiça - Goiânia - Goiás - Brasil
CEP: 74280-160

Instagram:

@paroquiasantaedwiges16

Site:

www.paroquiasantaedwiges16.org.br

Periodicidade

Mensal

VOCAÇÃO É RESPOSTA DO CORAÇÃO AO CHAMADO DE DEUS

Nos dias 28 e 29 de março de 2026, aconteceu, no Centro Estigmatino de Pastoral, em Brasília - DF, o Encontro Anual das Equipes Vocacionais Paroquiais da Província São José. Mais do que uma reunião organizativa, foi um tempo de recentrar o olhar sobre uma das dimensões mais decisivas da vida da Igreja, a vocação como resposta ao chamado de Deus. A Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges esteve presente por meio de Dayane Caetano, Sarah Cristina Oliveira Mendonça, Lindalva Teixeira, coordenadora da Pastoral Vocacional, e da Irmã Andreza Mara, da Congregação Irmãs Dominicanas da Beata Imelda, sinal de uma comunidade que não apenas reconhece a importância da vocação, mas assume a responsabilidade de cultivá-la com continuidade e seriedade.



O encontro teve início em um clima de oração que já indicava o caminho a ser percorrido. A vocação não nasce da agitação nem da pressa, mas da escuta. É nesse espaço interior, muitas vezes silencioso, que a pessoa começa a perceber que a própria vida não é fruto do acaso, mas resposta a uma iniciativa que a precede. O Catecismo da Igreja Católica recorda que o ser humano é criado por Deus e para Deus, e somente nele encontra seu sentido. Falar de vocação, portanto, não é tratar de um tema entre outros, mas tocar o núcleo da existência cristã. A partilha entre as equipes ajudou a perceber que a animação vocacional não pode se limitar a iniciativas pontuais, ela exige presença constante e uma compreensão mais ampla, na qual toda a vida da comunidade se torna espaço onde Deus pode continuar a chamar. Foi nesse horizonte que se destacou a necessidade de construir uma cultura vocacional, não como estratégia, mas como modo de ser da própria Igreja.

Os critérios apresentados para esse caminho revelam sua exigência. A vocação foi compreendida a partir da identidade pessoal, da memória da vida, da dimensão comunitária e do tempo próprio de cada processo. Não se trata de



conduzir alguém a respostas rápidas, mas de ajudá-lo a reconhecer, com verdade, aquilo que permanece. Em um tempo marcado por uma profunda crise de sentido, sobretudo entre os jovens, esse caminho se torna ainda mais necessário. O risco não está apenas em escolher errado, mas em viver sem direção, confundindo liberdade com ausência de compromisso. Entre escolher qualquer caminho e responder a um chamado há uma diferença decisiva, a primeira dispersa, a segunda unifica a vida.

A espiritualidade estigmatina ofereceu o horizonte mais profundo dessa reflexão. Contemplar o Cristo crucificado é reconhecer o amor que se entrega e que dá forma a toda vocação. Em São Gaspar Bertoni, essa experiência se traduz na disposição de conformar a própria vida à vontade de Deus, não por imposição, mas por confiança. A vocação, assim compreendida, não afasta da realidade, mas insere de modo mais verdadeiro nela, transformando a vida em serviço. A dinâmica do encontro, marcada pela oração, pela escuta e pela convivência fraterna, mostrou que a animação vocacional não se constrói apenas por conteúdos, mas pela experiência. A familiaridade simples, a alegria partilhada e a proximidade entre os participantes criaram um ambiente onde a escuta se torna possível e o chamado pode ser reconhecido.

A celebração do Domingo de Ramos inseriu o encontro no ritmo da Igreja, recordando que aquele que é aclamado é também aquele que se entrega. É nessa unidade entre aclamação e doação que a vocação encontra seu sentido mais profundo. Não se trata de buscar realização isolada, mas de aprender a viver a própria vida como resposta, no

seguimento de Cristo. A presença dos representantes da paróquia revela algo essencial. A vocação não é responsabilidade de alguns, mas tarefa de toda a comunidade. Quando uma paróquia assume esse compromisso, torna-se terreno fecundo onde o chamado pode crescer. Quando não assume, corre o risco de deixar que ele se perca na dispersão do cotidiano.

O encontro foi concluído com encaminhamentos que apontam para a continuidade do trabalho vocacional. Não se trata de repetir iniciativas, mas de ler a realidade, escutar os sinais e sustentar processos com fidelidade. Ao final, permanece uma convicção simples e exigente. Deus continua chamando. O que se espera é que existam comunidades capazes de escutar, acompanhar e sustentar aqueles que se dispõem a responder. Porque, quando o chamado encontra



um coração disponível e uma Igreja que caminha junto, algo novo começa a nascer, e é nesse nascimento silencioso que a Igreja se renova.

PÁSCOA SOLIDÁRIA LEVA PARTILHA E ALEGRIA A CRIANÇAS DA GRANDE GOIÂNIA

A celebração da Páscoa na comunidade paroquial não permaneceu restrita ao espaço da igreja. Ela encontrou continuidade na vida concreta por meio da Páscoa Solidária, uma ação que mobilizou a comunidade e alcançou diferentes bairros e assentamentos da Grande Goiânia. Mais de duas mil caixas de bombons foram arrecadadas e distribuídas, chegando a cerca de dez regiões marcadas por situações de vulnerabilidade. A iniciativa foi conduzida pelo Projeto Banho Solidário em conjunto com a Pastoral de Rua, duas frentes já conhecidas pelo trabalho contínuo junto aos mais necessitados. Ao longo do ano, essas pastorais sustentam uma presença constante, marcada pela proximidade, pela escuta e pela fidelidade a um caminho que não se limita a ações pontuais.



A distribuição das caixas de bombons, simples em sua forma, ganhou um significado que ultrapassa o próprio gesto. Para muitas das crianças alcançadas, aquele momento não foi apenas a entrega de um presente, mas a experiência concreta de ser lembrado e acolhido. Em contextos marcados por limitações, ausência de oportunidades e, muitas vezes, invisibilidade social, gestos assim assumem um valor que não pode ser medido apenas pelo que é entregue, mas

pelo que comunicam. Há uma dimensão de reconhecimento que se torna evidente quando alguém se aproxima e se faz presente.

A mobilização da comunidade para tornar essa ação possível também revela um aspecto importante da vida paroquial. Cada doação, cada contribuição e cada pessoa envolvida tornaram possível alcançar um número expressivo de crianças. Não se trata apenas de quantidade, mas do movimento que isso expressa. Quando diferentes pessoas se unem em torno de uma mesma iniciativa, a comunidade deixa de ser apenas um conjunto de indivíduos e se torna, de fato, um corpo que se organiza e atua em comum.



A Páscoa, centro da fé cristã, celebra a vitória da vida sobre a morte. Essa afirmação não permanece apenas no nível daquilo que se proclama, ela pede expressão na vida. A ação realizada torna visível essa ligação entre celebração e prática, mostrando que aquilo que é vivido na liturgia encontra continuidade quando se traduz em gestos concretos de partilha e presença. Ao chegar a diferentes bairros e assentamentos, a paróquia não apenas distribui algo material, mas se faz presente em lugares onde, muitas vezes, a presença é escassa. Mesmo sem um discurso explícito, o gesto comunica uma

mensagem clara. A vida continua, o bem é possível e ninguém está completamente esquecido.

Essa experiência recorda a prática das primeiras comunidades cristãs, que partilhavam o que possuíam para que ninguém passasse necessidade. A fé não era medida pela intensidade do discurso, mas pela forma como se vivia. Essa referência continua sendo um critério exigente. Sempre que a fé se aproxima da vida concreta, ela ganha credibilidade. Quando se afasta, corre o risco de se enfraquecer.

A Páscoa Solidária não resolve todas as situações que encontra, e isso precisa ser reconhecido com realismo. Mas toca um ponto essencial. Ela impede que a celebração se feche em si mesma e recorda que a fé, quando vivida com seriedade, sempre encontra caminhos para se tornar presença



na vida dos outros. Nesse sentido, o que se realizou não foi apenas uma ação bem-organizada, mas um sinal concreto de uma comunidade que busca viver aquilo que celebra.

NOVA COORDENAÇÃO DA PASTORAL DO DÍZIMO ASSUME MISSÃO NA COMUNIDADE PAROQUIAL

No dia 7 de abril de 2026, a comunidade paroquial viveu um momento significativo com a reunião da Pastoral do Dízimo, marcada pela eleição da nova coordenação. Mais do que uma transição organizativa, o encontro evidenciou um aspecto essencial da vida da Igreja, ela se sustenta na fidelidade concreta de pessoas que, com discrição e perseverança, assumem o compromisso de servir. Esse tipo de momento não interrompe um caminho, mas o prolonga, garantindo continuidade a um trabalho que se constrói ao longo do tempo.



A comunidade voltou-se, nesse contexto, com gratidão à coordenação anterior. Humberto Masatoshi Matsuda, Márcia Aparecida Lima Costa e Iva Martinha de Almeida não exerceram apenas uma função administrativa, mas desenvolveram um serviço que tocou a vida da paróquia de forma concreta. Com dedicação e responsabilidade, contribuíram para formar consciências, fortalecer o sentido de pertença e ajudar os fiéis a compreender o dízimo como expressão de fé. O trabalho realizado por eles encontra ressonância na Palavra de Deus, quando recorda que cada um contribui conforme decidiu em seu coração, não por obrigação, mas como resposta livre ao amor recebido.

Na tradição da Igreja, o dízimo não se reduz a uma contribuição material. Ele se insere em uma espiritualidade de gratidão e confiança, na qual o fiel reconhece que tudo provém de Deus. Desde o Antigo Testamento, a oferta dos

bens aparece como gesto de reconhecimento e de devolução. Com o passar do tempo, essa prática foi sendo compreendida como expressão de corresponsabilidade na missão da Igreja, sustentando sua presença evangelizadora e sua ação junto à comunidade.

O trabalho realizado pela coordenação anterior não se encerra com a mudança de responsáveis. Permanece como semente lançada no coração da comunidade. Aquilo que é vivido com constância, paciência e espírito de comunhão continua a produzir frutos, muitas vezes de forma silenciosa, mas real. Essa continuidade não depende apenas de estruturas, mas da consciência de que a missão é sempre maior do que aqueles que a exercem em determinado momento.



Nesse novo passo, a pastoral acolhe a coordenação formada por Renato Carvalho Brandão, Celso Takeche de Sá e Paula Regina Gonçalves dos Santos. Assumir essa responsabilidade não significa apenas organizar atividades, mas dar continuidade a um processo de formação e de acompanhamento dos fiéis. A Pastoral do Dízimo ocupa um lugar importante na vida paroquial, pois ajuda a traduzir, de maneira concreta, a ligação entre fé e vida, mostrando que a partilha não é algo acessório, mas parte integrante do caminho cristão.

A missão que se inicia exige sensibilidade, equilíbrio e espírito de comunhão. Mais do que orientar, é necessário testemunhar. Mais do que organizar, é preciso ajudar cada pessoa a compreender o sentido do que vive. O díizimo, nesse contexto, não nasce de uma exigência externa, mas de um coração que reconhece, agradece e responde. Essa compreensão não se impõe, ela se forma ao longo do tempo, por meio do testemunho e da convivência.



A própria Escritura ilumina esse caminho ao recordar que cada pessoa é chamada a colocar a serviço dos outros o dom que recebeu. É nesse horizonte que a nova coordenação é convidada a atuar, não apenas conduzindo uma pastoral, mas ajudando a comunidade a amadurecer na vivência da fé e na consciência de sua responsabilidade comum.

A reunião realizada, portanto, não se limita ao momento da eleição. Ela marca a continuidade de um caminho que segue sendo construído com a participação de muitos. A comunidade permanece unida, sustentada pela ação de Deus que se manifesta através de pessoas disponíveis e comprometidas. E é nessa fidelidade cotidiana que a vida da Igreja encontra consistência e segue adiante.

CUIDAR DA SAÚDE É RECONHECER E SUSTENTAR A VIDA COMO DOM DE DEUS

No dia 11 de abril de 2026, a comunidade paroquial viveu mais uma edição do Projeto Semeando Cuidado, iniciativa que vem se consolidando como presença concreta junto às necessidades reais das pessoas, especialmente no cuidado com a saúde e o bem-estar. Ao longo do encontro, mais de cinquenta pessoas receberam atendimento de acupuntura, em um ambiente marcado pela atenção, pelo respeito e pela escuta. O que se realizou ali não foi apenas um serviço bem-organizado, mas uma experiência na qual cada pessoa pôde ser acolhida em sua realidade, com tempo, proximidade e dignidade. Esse tipo de ação revela que a vida comunitária não se sustenta apenas em celebrações, mas também na capacidade de reconhecer onde a vida precisa ser cuidada e de responder a essas necessidades de forma concreta.



A acupuntura, prática milenar reconhecida por seus efeitos no equilíbrio do corpo e da mente, tem encontrado espaço em iniciativas comunitárias justamente por sua capacidade de atuar de forma integral. Ao estimular pontos específicos do corpo, contribui para o alívio de dores, para a redução

do estresse e para a melhoria da qualidade de vida. Inserida nesse contexto, deixa de ser apenas um procedimento terapêutico e passa a integrar um cuidado mais amplo, no qual o modo de acolher se torna tão importante quanto o atendimento realizado. Esse tipo de abordagem revela uma compreensão mais profunda da saúde, que não se limita a intervenções pontuais, mas envolve uma atenção contínua à pessoa em sua totalidade.

É nesse ponto que a experiência vivida pela comunidade ajuda a compreender algo essencial. Cuidar da saúde não significa apenas tratar sintomas ou buscar soluções imediatas para o sofrimento. Significa reconhecer que a vida precisa de condições concretas para ser vivida com dignidade. Quando a saúde falta, tudo se fragiliza. O trabalho se torna mais difícil, as relações se desgastam, a capacidade de servir diminui e até mesmo a vida espiritual é afetada. Por isso, cuidar da saúde não é um detalhe nem um complemento da vida. É uma forma de responsabilidade diante da própria existência, da vida que foi recebida e que precisa ser sustentada ao longo do tempo com atenção e consciência.



A própria medicina, ao longo dos anos, foi ampliando essa compreensão ao reconhecer que saúde não se reduz à ausência de doença. Trata-se de um equilíbrio que envolve o corpo, a mente e as relações, e que se constrói ao longo da vida. Nem sempre esse equilíbrio é pleno, e a experiência humana confirma isso com frequência. Ainda assim, ele permanece como horizonte, orientando o cuidado e ajudando a enfrentar os limites e as fragilidades que fazem parte da existência. Essa visão encontra um aprofundamento ainda maior na tradição bíblica, que compreende a saúde como parte de uma vida em harmonia, expressa na ideia de plenitude que envolve a relação com Deus, consigo mesmo e com os outros. Quando essa harmonia se rompe, o sofrimento não atinge apenas o corpo, mas a pessoa inteira.

Por isso, nas ações de Jesus Cristo, a cura nunca se limita ao aspecto físico. Ela devolve dignidade, reintegra à convivência e restaura o sentido da vida. Essa referência não pertence apenas ao passado, mas continua sendo critério para a vida da Igreja. Iniciativas como o Projeto Semeando Cuidado tornam visível essa continuidade, ao oferecer não apenas atendimentos, mas um espaço onde as pessoas são acolhidas, escutadas e reconhecidas em sua condição humana. O cuidado, nesse sentido, não é apenas técnico, mas relacional, e se realiza na proximidade, na escuta e na presença.

Outro aspecto que se destaca é o ambiente vivido durante os atendimentos. Em meio a uma rotina marcada pela pressa,

pelas exigências e, muitas vezes, pelo isolamento, a possibilidade de parar, cuidar de si e ser ouvido ganha um valor especial. São gestos simples, muitas vezes discretos, mas que fazem diferença real. Quando alguém encontra um espaço onde é escutado com atenção e tratado com respeito, algo se reorganiza interiormente. O cuidado deixa de ser apenas uma intervenção e se torna experiência que toca a pessoa de forma mais profunda.

A continuidade dessas ações revela um compromisso que vai além de um encontro isolado. Trata-se de um caminho construído com constância, que fortalece a comunidade e amplia sua presença junto às pessoas. Promover a saúde, nesse contexto, torna-se uma forma concreta de viver o amor ao próximo, não apenas como princípio, mas como prática. É a fé que se traduz em gestos, que se organiza em iniciativas e que encontra formas de alcançar a vida onde ela mais precisa ser sustentada.

No fim, a questão é simples, embora exigente. Cuidar da saúde é reconhecer que a vida não se sustenta sozinha. Ela precisa ser acompanhada, protegida e cultivada. E, quando esse cuidado é assumido com verdade, ele não se limita ao corpo. Ele alcança a pessoa inteira e permite que a vida seja vivida com mais equilíbrio, mais consciência e mais dignidade. É nesse tipo de experiência que a fé deixa de ser apenas afirmada e se torna visível no meio da vida.

MUTIRÃO DO IMPOSTO DE RENDA ORIENTA CONTRIBUINTES E FORTALECE AÇÕES SOCIAIS DA ASSOCIAÇÃO POLIVALENTE SÃO JOSÉ

No dia 11 de abril de 2026, a comunidade paroquial viveu uma iniciativa que uniu serviço, orientação e compromisso com o bem comum por meio do Mutirão do Imposto de Renda. A ação ofereceu atendimento gratuito à população, auxiliando na elaboração das declarações com segurança, clareza e responsabilidade. Mais do que responder a uma exigência técnica, o mutirão se tornou um espaço de acolhimento, onde dúvidas foram esclarecidas e cada pessoa pôde ser atendida com atenção e respeito. Esse trabalho contou com a dedicação de contadores voluntários que colocaram seu conhecimento a serviço da comunidade. Quando uma competência profissional se transforma em serviço, algo importante acontece. Aquilo que poderia permanecer restrito a uma atividade técnica ganha um alcance maior e se torna instrumento concreto de ajuda ao outro.

Um dos pontos centrais do mutirão foi a conscientização sobre a possibilidade de destinar até 3% do Imposto de Renda devido para a Associação Polivalente São José, sem qualquer custo adicional ao contribuinte. Trata-se de um gesto simples, muitas vezes pouco conhecido, mas de grande impacto social. Parte de um recurso que normalmente seguiria um caminho distante pode ser direcionada



para iniciativas concretas que acontecem dentro da própria comunidade. A Associação Polivalente São José desenvolve um trabalho contínuo nas áreas educacional, social, cultural e formativa, atendendo crianças, adolescentes, jovens e idosos. Por meio de seus centros sociais, promove inclusão, oferece oportunidades e cria caminhos reais de desenvolvimento humano, mostrando que cada contribuição pode se transformar em presença concreta na vida de muitas pessoas.



O mutirão ajudou a tornar visível essa ligação entre responsabilidade fiscal e compromisso social. Aquilo que, muitas vezes, é visto apenas como obrigação, pode se tornar oportunidade de participação na construção do bem comum. Ao orientar os contribuintes sobre essa possibilidade, a ação não apenas prestou um serviço técnico, mas ampliou a consciência sobre o impacto das próprias escolhas. Pequenas decisões, quando bem orientadas, produzem efeitos que ultrapassam o momento em que são tomadas.

Outro aspecto importante é a continuidade do atendimento ao longo do período de declaração, até o dia 29 de maio de 2026, permitindo que mais pessoas tenham acesso a esse serviço. Em um contexto em que muitos enfrentam dificuldades para compreender e cumprir suas obrigações fiscais, oferecer orientação qualificada é também uma forma de promover dignidade, evitar prejuízos e garantir segurança.

Ao mesmo tempo, a iniciativa revela uma dimensão essencial da vida comunitária. A fé não se limita ao espaço celebrativo, ela se expressa também na atenção às necessidades concretas das pessoas. Quando conhecimento, tempo e disponibilidade são colocados a serviço do outro, a comunidade ganha consistência e se torna mais próxima da realidade.



No fundo, o que está em jogo é uma compreensão mais ampla da responsabilidade de cada pessoa. Aquilo que se recebe, seja conhecimento, tempo ou recursos, pode ser direcionado de forma consciente. E, quando isso acontece, o impacto não se limita a quem oferece, mas alcança muitos outros. Iniciativas como essa mostram que transformar a realidade não depende apenas de grandes projetos, mas de decisões concretas, assumidas com responsabilidade e espírito de comunhão.

ENCONTRO ACOLHE CASAIS EM NOVA UNIÃO E FORTALECE CAMINHADA DE FÉ NA COMUNIDADE

Nos dias 11 e 12 de abril de 2026, a Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges realizou mais uma edição do Encontro para Casais em Nova União, concluindo um percurso marcado pela escuta, pela partilha e pela renovação da esperança. Mais do que uma programação organizada, o encontro se tornou um espaço onde histórias puderam ser acolhidas com respeito e atenção. Casais que vivem a



realidade da segunda união encontraram ali não apenas um momento de reflexão, mas a possibilidade de se reconhecerem como parte da vida da comunidade, dentro de um caminho que não ignora a complexidade das situações, mas também não fecha portas.

A presença de Dom João Justino Medeiros Silva, arcebispo de Goiânia, trouxe ainda mais profundidade ao encontro ao destacar a importância do acompanhamento pastoral como expressão concreta da missão da Igreja. Em sua reflexão, ficou evidente que não se trata de oferecer respostas prontas, mas de caminhar junto, escutar com atenção e ajudar cada pessoa a discernir sua própria realidade à luz do Evangelho. Esse modo de presença não simplifica as situações, mas permite que sejam vividas com mais verdade e consciência. Esse caminho encontra respaldo no próprio magistério da Igreja. Já em *Familiaris Consortio*, a Igreja reconhecia a necessidade de acompanhar com atenção aqueles que vivem situações familiares complexas, sem excluí-los da

vida e da comunhão eclesial. Mais recentemente, *Amoris Laetitia* aprofundou esse olhar ao insistir na importância do discernimento pastoral, lembrando que nem todas as situações podem ser tratadas de forma uniforme e que cada pessoa deve ser ajudada a reconhecer o caminho possível de crescimento. Trata-se de um chamado exigente, que não relativiza a verdade, mas recusa uma aplicação fria e distante da realidade.



O encontro foi conduzido com cuidado pela Pastoral Familiar, que se dedicou à preparação de cada momento, favorecendo um ambiente propício ao diálogo e à convivência. Ao longo dos dois dias, os casais viveram momentos de espiritualidade, reflexão e partilha que permitiram olhar para a própria história com mais serenidade. Em cada testemunho e em cada escuta, foi possível perceber que a fé continua sendo fonte de sentido, mesmo quando a vida não segue os caminhos inicialmente previstos. A experiência vivida ajudou a fortalecer vínculos, renovar o ânimo e abrir perspectivas de crescimento.

Há, nesse tipo de iniciativa, uma dimensão profundamente evangélica. Ao longo de sua missão, Jesus Cristo nunca se

aproximou das pessoas a partir de um ponto de condenação, mas a partir do encontro. Ele escuta, se aproxima, reconhece a situação concreta e, a partir daí, abre caminhos. Essa lógica continua sendo referência para a ação da Igreja, que é chamada a unir verdade e misericórdia em um mesmo movimento, sem reduzir uma à outra.



O encontro para casais em nova união não se reduz, portanto, a um evento isolado. Ele expressa uma forma de presença da Igreja, que busca acompanhar, orientar e sustentar aqueles que vivem situações mais complexas. Ao final, o que permanece não são apenas conteúdos ou reflexões, mas a experiência de não estar sozinho. Cada casal pôde perceber que sua história continua sendo acompanhada por Deus e que a comunidade permanece como espaço de acolhimento e de caminhada.

Quando a Igreja assume esse modo de presença, algo essencial se torna visível. A fé deixa de ser apenas uma referência distante e se torna caminho vivido, onde a verdade e o amor não se opõem, mas se sustentam mutuamente. É nesse equilíbrio que a esperança se renova e que novas possibilidades se abrem, mesmo em meio às situações que, à primeira vista, parecem fechadas.

DOMINGO DA MISERICÓRDIA RENOVA A CONFIANÇA NO AMOR QUE RECOMEÇA

No dia 12 de abril de 2026, a comunidade paroquial celebrou com profunda devoção e gratidão o 2º Domingo da Páscoa, conhecido como Domingo da Misericórdia. Inserida no coração do tempo pascal, essa celebração não aparece como um acréscimo à liturgia, mas como uma chave de leitura do próprio mistério da Ressurreição. O Cristo que venceu a morte não se apresenta distante nem triunfalista. Ele retorna ao encontro dos discípulos trazendo consigo as marcas da paixão, e é exatamente a partir delas que se revela a misericórdia, não como ideia, mas como experiência concreta que toca a vida.



A festa foi instituída por São João Paulo II no ano 2000, no contexto do Jubileu, a partir da espiritualidade difundida por Santa Faustina Kowalska, a quem foi confiada a missão de recordar ao mundo a profundidade da misericórdia divina. No entanto, não se trata apenas de uma devoção específica, mas de um chamado a redescobrir o núcleo do Evangelho. Deus não se cansa de amar, não desiste da humanidade e continua oferecendo, a cada pessoa, a possibilidade de recomeçar. Essa consciência desloca a fé de um campo meramente teórico e a coloca no terreno da vida concreta, onde a misericórdia se torna caminho.

O Evangelho proclamado neste dia apresenta a experiência de Tomé, que, ao encontrar o Ressuscitado, passa da dúvida à fé e faz uma das mais profundas profissões da Escritura. Sua trajetória não é apresentada como erro, mas como caminho. Ele não é excluído por sua dificuldade, mas conduzido ao encontro. Ao mostrar suas chagas, Cristo não elimina a dúvida pela imposição, mas a transforma pela proximidade. Esse gesto revela algo decisivo. A fé não nasce da ausência de questionamentos, mas do encontro verdadeiro, que permite à pessoa reconhecer, com liberdade, quem é aquele que está diante dela.



A celebração do Domingo da Misericórdia encontra, na vida da comunidade, uma expressão concreta por meio da caminhada do Grupo Hesed, que mensalmente se reúne para realizar a Novena da Divina Misericórdia. Essa prática não se reduz à repetição de fórmulas, mas se torna um espaço de oração, de escuta e de confiança. Ao longo do tempo, ela vai formando um modo de olhar a própria vida, marcado pela certeza de que Deus permanece presente mesmo nas situações mais difíceis. A constância desses encontros ajuda a transformar a devoção em caminho espiritual, sustentando a fé no cotidiano.

Celebrar a misericórdia dentro do tempo pascal reforça um dado central da fé cristã. O Ressuscitado é o mesmo que foi crucificado. Suas chagas permanecem, não como lembrança de dor, mas como fonte de graça. É delas que brota a misericórdia que alcança toda a humanidade. Essa verdade impede uma compreensão superficial da fé e recorda que a Ressurreição não apaga a história, mas a assume e a transforma. A vida nova nasce exatamente ali onde a fragilidade parecia ter a última palavra.

A celebração vivida na paróquia foi marcada por um clima de recolhimento e confiança. Diante de Jesus Misericordioso, cada pessoa foi convidada a entregar suas inquietações e a renovar a esperança. A invocação “Jesus, eu confio em Vós” não apareceu apenas como expressão devocional, mas como atitude interior que orienta a vida. Confiar, nesse contexto, não significa ignorar as dificuldades, mas reconhecer que elas não têm a palavra definitiva.



A misericórdia, no coração da fé cristã, não é apenas um atributo de Deus, mas um caminho que precisa ser assumido. Quem experimenta a misericórdia é chamado também a vivê-la, tornando-se presença de perdão, acolhimento e reconciliação. Esse movimento impede que a fé se feche em si mesma e a conduz para a vida concreta, onde o amor precisa ganhar forma nas relações e nas escolhas.

Celebrar o Domingo da Misericórdia, portanto, é renovar a certeza de que Deus continua agindo, conduzindo cada história com paciência e fidelidade. Nenhuma vida está perdida, nenhum caminho está definitivamente fechado. A graça continua a operar, muitas vezes de forma silenciosa, abrindo possibilidades onde antes se via apenas limite.

No encontro com o Ressuscitado, a comunidade redescobre que a misericórdia não tem fim. E é dessa experiência que nasce uma esperança que não depende das circunstâncias, mas da certeza de que Deus permanece fiel.

FORMAÇÃO COM MINISTROS DA EUCARISTIA APROFUNDA CONHECIMENTO DA HISTÓRIA DA IGREJA E FORTALECE O SERVIÇO

No dia 15 de abril de 2026, a Paróquia Nossa Senhora aparecida e Santa Edwiges reuniu os Ministros Extraordinários da Sagrada Comunhão para um momento de formação marcado pelo estudo, pela escuta e pelo aprofundamento da fé. O encontro, conduzido por Reinaldo Barbosa, partiu da história da Igreja nascente, ajudando os participantes a compreenderem como as primeiras comunidades cristãs se organizavam, como viviam a fé e de que forma a Eucaristia já ocupava o centro da vida comunitária. Ao revisitar esse início, tornou-se possível perceber que aquilo que hoje se vive na paróquia não surgiu por acaso, mas é fruto de um caminho extenso, sustentado ao longo dos séculos.



Nesse contexto, também se tornou mais claro o próprio lugar dos ministros da Sagrada Comunhão dentro da vida da Igreja. Não se trata apenas de pessoas que ajudam na distribuição da comunhão, mas de fiéis chamados a colaborar com o cuidado do maior tesouro da comunidade, a Eucaristia, levando-a ao altar, à assembleia e, de modo especial, aos enfermos e àqueles que não podem participar da celebração. Seu serviço nasce da necessidade concreta da comunidade e se insere em uma tradição que, desde os primeiros tempos, buscou garantir que ninguém ficasse privado desse encontro com Cristo.

Esse tipo de formação ajuda a compreender por que não basta fazer, é preciso entender o que se faz. Quando a fé não é aprofundada, ela tende a se tornar repetição. Quando o serviço não é refletido, corre o risco de se reduzir a uma função. Formar bem é permitir que cada gesto tenha consciência, sentido e raiz. É situar o presente dentro de um percurso maior, evitando que a prática se torne automática e desconectada daquilo que a sustenta. Ao longo da reflexão, ficou evidente que a Eucaristia sempre esteve no centro da vida da Igreja. Desde a fração



do pão nas primeiras comunidades até a celebração atual, há uma continuidade que não se explica apenas pela tradição, mas pela presença daquele que se doa. Compreender essa continuidade muda o modo de participar e de servir. O gesto realizado hoje passa a ser reconhecido como parte de uma história viva, que atravessa gerações e continua a se atualizar em cada celebração.

É por isso que encontros como esse têm um valor que vai além do conteúdo transmitido. Eles ajudam a integrar fé, história e vida. Quando isso acontece, o ministério deixa de ser apenas execução de tarefas e passa a ser resposta consciente a um chamado. A tradição da Igreja sempre insistiu na formação daqueles que servem, recordando que a participação nos sacramentos exige não apenas presença, mas compreensão e disposição interior. Sem esse caminho, o risco é permanecer na superfície. Com ele, o serviço ganha consistência e verdade.



Ao final, o que se percebe não é apenas o aprendizado de conteúdos, mas uma mudança de percepção. A história da Igreja deixa de ser algo distante e passa a ser reconhecida como caminho vivo, no qual cada um também está inserido. E é exatamente isso que dá sentido à formação, ajudar cada pessoa a compreender melhor o que vive, para que possa viver com mais verdade aquilo que recebeu e é chamado a servir.

FESTA DOS SAGRADOS ESTIGMAS REVELA O AMOR DE CRISTO QUE FORMA E ENVIA PARA A MISSÃO

No dia 17 de abril de 2026, a comunidade paroquial celebrou a Festa dos Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo, culminando com a Santa Missa Solene às 19h30. A celebração não se reduziu a uma memória devocional, mas conduziu a comunidade ao núcleo da fé cristã, o amor de Cristo que se manifesta na entrega total de si mesmo. Nesse horizonte, torna-se essencial compreender o sentido próprio dos estigmas. Eles são a memória viva da Paixão do Senhor. As chagas, abertas na cruz, revelam suas feridas no momento da entrega; os estigmas, porém, são os sinais que Ele quis conservar em seu corpo glorificado como marca permanente da nossa salvação. Não aparecem, portanto, como um detalhe do sofrimento, mas como expressão de um amor que permanece e continua a falar ao coração de quem se dispõe a contemplar.



Na tradição da Igreja, a contemplação dessas chagas ocupou sempre um lugar decisivo, não como busca de dor, mas como caminho de compreensão do amor de Deus que se entrega. Ao longo dos séculos, essa contemplação formou uma espiritualidade que não separa a cruz da vida nem a fé da realidade concreta. As chagas de Cristo revelam que a redenção não acontece à distância, mas dentro da própria condição humana, assumida por Ele até o fim. É nesse sentido que a palavra da Primeira Carta de Pedro ressoa com força, “pelas suas chagas fostes curados” (1Pd 2,24). Não se trata de uma afirmação simbólica, mas de uma verdade que atravessa a história e continua a se realizar na vida daqueles que se deixam alcançar por esse amor.

Essa leitura encontra um aprofundamento particular na experiência de São Gaspar Bertoni, sacerdote veronês que, no início do século XIX, compreendeu que a contemplação do Crucificado não conduz ao fechamento, mas à formação e à missão. Sua vida, marcada pela discipulação, pela enfermidade e por uma intensa dedicação à formação do clero e à missionariedade, revela uma espiritualidade profundamente enraizada no mistério da cruz. Para ele, olhar para Cristo crucificado era aprender o modo de amar, conformando a própria vontade à vontade de Deus. Daí sua insistência em viver uma “indiferença santa”, não como passividade, mas

como liberdade interior que permite acolher, com fidelidade, aquilo que Deus pede em cada momento da vida.

É dessa experiência que nasce o carisma da Congregação dos Sagrados Estigmas de Nosso Senhor Jesus Cristo, presente também na vida da paróquia. A contemplação do Crucificado ressuscitado não conduz a uma espiritualidade intimista, mas a um dinamismo que forma e envia. O olhar para os estigmas gloriosos, as chagas de Cristo transfiguradas pela Ressurreição, não imobiliza, mas educa o coração para um amor concreto, vivido na obediência, na disponibilidade e no serviço. Essa perspectiva foi retomada com clareza por Papa Francisco ao dirigir-se aos Estigmatinos no contexto do XXXVII Capítulo Geral, em fevereiro de 2018, ao recordar que a contemplação de Cristo crucificado deve conduzir sempre à missão, evitando tanto uma espiritualidade fechada quanto um ativismo sem raiz.



Celebrar essa festa é, portanto, voltar ao essencial e deixar-se recentrar. A cruz não é um episódio isolado nem um momento superado pela Ressurreição, mas o lugar onde se revela quem é Deus e como Ele ama. Nas chagas de Cristo, conservadas como estigmas, a humanidade encontra não apenas redenção, mas um caminho de transformação que passa pela própria vida. Isso muda o modo de olhar a própria existência, permitindo reconhecer que as fragilidades, quando unidas a Cristo, não são sinal de fracasso, mas podem tornar-se lugar de graça.

A celebração da Missa Solene reuniu a comunidade em um clima de silêncio e escuta, favorecendo uma experiência mais interior. Diante do mistério celebrado, cada fiel foi convidado a rever sua relação com a cruz, não como

realidade a ser evitada a qualquer custo, mas como parte de um caminho que conduz à vida. Seguir Cristo implica assumir, com liberdade e confiança, aquilo que a vida apresenta, sustentado pela certeza de que a última palavra não é o sofrimento, mas o amor que permanece.

A espiritualidade das chagas, vivida na tradição estigmatina como contemplação dos estigmas, abre também o olhar para o sofrimento presente na vida dos outros. Quem contempla o Crucificado não pode permanecer indiferente diante das feridas do mundo. Há uma ligação inseparável entre contemplação e ação. As chagas de Cristo continuam presentes

nas situações de dor, exclusão e fragilidade, e reconhecê-las é o primeiro passo para uma resposta concreta. Nesse sentido, a festa não se encerra na celebração, mas se prolonga na vida, tornando-se critério de ação e de presença no mundo. Celebrar os Sagrados Estigmas é, no fundo, aprender novamente a olhar. Olhar para Cristo, para a própria vida e para a realidade com mais verdade. É deixar-se formar por um amor que não se impõe, mas se oferece, e que, ao ser acolhido, transforma o modo de viver. É assim que a fé se aprofunda e se torna caminho, não apenas memória, mas presença viva que continua a agir.

VICARIATO NOSSA SENHORA AUXILIADORA PROMOVE FORMAÇÃO E FORTALECE A PASTORAL DO DÍZIMO

No dia 18 de abril de 2026, às 8h, aconteceu a reunião do Vicariato Nossa Senhora Auxiliadora, reunindo agentes e lideranças paroquiais em um momento marcado pela formação, pela partilha e pelo fortalecimento da missão evangelizadora. Mais do que um encontro organizativo, tratou-se de uma experiência de comunhão, na qual diferentes realidades paroquiais se encontraram para refletir, aprender e caminhar em unidade, reconhecendo que a vida da Igreja se constrói quando cada comunidade se deixa formar e se abre à missão.



O encontro foi conduzido por Henrique e Raquel, integrantes da Comissão Arquidiocesana da Pastoral do Dízimo, que apresentaram, com clareza e profundidade, elementos essenciais para a compreensão do dízimo à luz da fé cristã. À luz da experiência das primeiras comunidades, onde a partilha era expressão concreta da fé vivida, o dízimo foi apresentado como gesto que nasce do encontro com Cristo e se traduz em gratidão, corresponsabilidade e compromisso com a missão. Não se trata de uma obrigação externa, mas de uma resposta interior, de quem reconhece que tudo é dom e deseja participar, de forma consciente, da vida e da sustentação da Igreja. Nesse horizonte, torna-se mais claro que contribuir não é apenas oferecer algo, mas expressar pertença, reconhecer-se parte de um corpo maior, em

comunhão com a missão da Igreja e atento às necessidades concretas dos irmãos, especialmente dos mais frágeis. Quando vivido assim, o dízimo deixa de ser prática isolada e se torna caminho espiritual, educando o coração para a gratidão, para a partilha e para uma presença mais responsável na vida comunitária.



A consistência da formação apresentada se apoia também na caminhada dos próprios formadores, que trazem consigo uma trajetória construída ao longo de anos, especialmente no período de formação realizado sob a condução de Aristides Madureira. Essa continuidade confere solidez ao trabalho que vem sendo desenvolvido e que, agora, se amplia por toda a Arquidiocese de Goiânia, promovendo maior unidade entre as paróquias e oferecendo critérios mais claros para a atuação da Pastoral do Dízimo.

Ao longo do encontro, ficou evidente que a Pastoral do Dízimo não se reduz à organização de contribuições, mas assume um verdadeiro serviço eclesial de evangelização, formação e comunhão. Trata-se de ajudar cada fiel a reconhecer que tudo o que possui é dom de Deus e que colaborar com a missão da Igreja é expressão concreta de pertença. É nesse ponto que a formação contínua se revela indispensável, pois não apenas orienta a prática, mas forma a consciência e fortalece o vínculo com a comunidade.

O encontro também favoreceu um espaço de partilha entre as paróquias, permitindo a troca de experiências e a percepção de desafios comuns. Essa dimensão de comunhão não é acessória, mas essencial. Quando as comunidades



caminham juntas, superam o isolamento e constroem uma ação mais integrada, capaz de responder com maior clareza às necessidades pastorais.

A reunião do vicariato revelou, assim, seu verdadeiro sentido. Não foi apenas um momento de organização, mas um encontro em que a Igreja se reconhece e se constrói, na escuta, na formação e no envio. Cada participante pôde renovar seu compromisso com a missão e retornar à própria comunidade com maior clareza sobre o caminho a ser percorrido.

Os frutos dessa formação tendem a se estender por toda a Arquidiocese, fortalecendo a Pastoral do Dízimo e ajudando os fiéis a viver com mais consciência e generosidade sua participação na vida da Igreja. Quando a fé se traduz em compromisso, ela deixa de ser apenas afirmada e passa a sustentar, de forma concreta, a vida da comunidade.

PARÓQUIA RENOVA COMPROMISSO COM A JUVENTUDE AO ACOLHER NOVA COORDENAÇÃO DO GRUPO ALEGRIA DO EVANGELHO

No dia 18 de abril de 2026, a comunidade paroquial viveu um momento significativo com a escolha da nova coordenação do grupo de jovens Alegria do Evangelho, agora formada Ana Elisa Rezende de Freitas, João Marcos Domingos Motta e Guilherme Ribeiro Mendes de Araújo. O gesto, simples na forma, carrega um sentido mais profundo, revela a continuidade de uma história que, ao longo de 13 anos, se tornou presença viva na paróquia. Mais do que um grupo organizado, trata-se de um espaço onde muitos jovens encontraram não apenas atividades, mas direção, sentido e uma experiência concreta de fé, capaz de dialogar com a realidade que vivem.



Esse momento permite compreender melhor o que está em jogo quando se fala de Pastoral da Juventude. Não se trata apenas de reunir jovens, mas de criar um caminho no qual a fé possa ser vivida dentro da própria vida, com suas perguntas, inquietações e buscas. A pastoral não oferece respostas prontas, mas acompanha processos, ajuda a discernir e sustenta o crescimento humano e espiritual. Em um tempo marcado por instabilidade, excesso de estímulos,

fragmentação das relações e dificuldade de assumir compromissos duradouros, oferecer um espaço assim é mais do que necessário, é decisivo.

Ao longo de sua trajetória, o Alegria do Evangelho tem se configurado exatamente como esse lugar onde a fé se torna experiência. Um espaço em que o jovem não é apenas convidado a participar, mas é ajudado a construir vínculos, a reconhecer a própria história e a descobrir que sua vida pode ser vivida com mais consciência. Não é a quantidade de encontros que sustenta o grupo, mas a qualidade das relações, a presença fiel e a capacidade de permanecer, mesmo quando o entusiasmo inicial passa.

Nesse mesmo espírito, a comunidade reconhece, com gratidão sincera, o trabalho realizado pela coordenação anterior, formada por Anita Carneiro Rocha, Jéssica Pereira Aires, Isadora Araújo Gonçalves e Khauan Costa Alves. O serviço prestado não se limitou à condução do grupo, mas se expressou no cuidado concreto com as pessoas, na escuta atenta e na fidelidade ao cotidiano, muitas vezes silencioso, mas profundamente transformador. Aquilo que foi construído não se encerra com a mudança de coordenação, permanece como base sólida, sustentando o que agora se inicia.

Estende-se também um reconhecimento especial ao casal Daniela Carioli Sánchez e Javier Jesús Sánchez Alvarez, cuja presença constante, orientadora e atenta, tem contribuído de modo significativo para a caminhada do grupo. Em um contexto em que tantos jovens carecem de referências estáveis, essa presença se torna ainda mais valiosa. Não apenas pelo apoio oferecido, mas pela capacidade de escutar, acompanhar e sustentar, com equilíbrio e proximidade, o caminho daqueles que estão em processo de crescimento.

A nova coordenação é acolhida com confiança, consciente de que assumir essa missão não significa apenas organizar encontros, mas tornar possível que outros jovens façam sua própria experiência com Deus. Trata-se de ajudar a abrir caminhos, de favorecer encontros verdadeiros e de sustentar processos que nem sempre são lineares. É um serviço exigente, que pede disponibilidade, mas que também transforma quem o assume, porque obriga a sair de si e a aprender a cuidar do outro.



A experiência de um grupo de jovens ultrapassa o encontro semanal. Ela se torna um espaço onde o jovem aprende a

reconhecer Cristo na própria vida, a escutar a Palavra e a perceber que sua existência não se reduz ao imediato. Diante de tantas pressões, inseguranças e propostas superficiais, oferecer esse caminho é oferecer uma possibilidade real de amadurecimento, onde a fé não aparece como algo distante, mas como referência concreta para viver.

A Igreja, em sua própria natureza, está sempre chamada a renovar-se, e essa renovação passa necessariamente pela juventude. Não apenas por sua presença, mas pelo protagonismo de quem, tendo encontrado Cristo, decide viver o Evangelho de forma concreta. Nesse sentido, o nome do grupo não é apenas uma identificação, mas uma síntese de sua missão. Alegria do Evangelho expressa uma fé que não pesa, mas sustenta, que não se impõe, mas atrai, e que se reconhece no cotidiano.

A comunidade segue, assim, com gratidão pelo caminho já percorrido e com confiança no que se abre. Quando jovens assumem com seriedade sua caminhada de fé, algo se fortalece na vida da Igreja. E é nesse movimento, muitas vezes simples, mas contínuo, que o futuro deixa de ser apenas expectativa e passa a ganhar forma.

RETIRO DA CATEQUESE PREPARA CRIANÇAS PARA A PRIMEIRA COMUNHÃO E APROFUNDA SUA EXPERIÊNCIA DE FÉ

No dia 18 de abril de 2026, a Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges viveu um momento de grande significado com a realização do Retiro da Catequese, no Colégio Marista, reunindo mais de duzentas crianças e adolescentes que, ao longo deste mês, darão um passo decisivo em sua caminhada de fé com a recepção da Primeira Eucaristia. Mais do que uma etapa dentro do processo catequético, o retiro se configurou como uma experiência concreta de encontro com Deus, capaz de tocar o coração e ajudar cada participante a compreender, ainda que de forma inicial, a profundidade do que está para viver.



Conduzido pelas Irmãs Franciscanas da Divina Misericórdia, que no passado estiveram presentes na paróquia, colaborando de forma estável com a vida pastoral, o retiro foi marcado por uma condução sensível e profundamente

espiritual, capaz de alcançar o universo das crianças sem perder a densidade da mensagem. Ao longo do dia, os catequizandos foram introduzidos, de maneira acessível e concreta, às realidades essenciais da fé. Partindo da experiência do amor dos pais pelos filhos, simbolizado no presépio vivo, foram levados a perceber que o cuidado, a presença e a dedicação que experimentam em casa apontam para um amor maior, o amor de Deus, que se revela plenamente na entrega de Cristo na cruz.

Essa passagem do concreto para o essencial permitiu que as crianças compreendessem que o amor de Deus não é distante nem abstrato, mas próximo, vivido e oferecido. A reflexão sobre a cruz abriu espaço para reconhecer que Deus não permanece fora da vida, mas entra na história humana e a assume por inteiro. Nesse mesmo horizonte, a espiritualidade da Divina Misericórdia foi apresentada como expressão desse amor que acolhe, perdoa e sustenta, ajudando os catequizandos a perceberem que sempre existe a possibilidade de recomeçar.

Outro momento significativo foi a apresentação da vida de Carlo Acutis, cuja experiência simples e profunda de fé mostrou às crianças que a santidade não é um ideal distante, mas um caminho possível. Sua relação com a Eucaristia, compreendida como centro da vida cristã, ajudou a despertar nos catequizandos o desejo de se aproximar desse mistério com mais consciência. A Eucaristia foi apresentada

não apenas como um rito, mas como encontro real com Jesus, presença que sustenta e dá sentido à vida.



A Adoração ao Santíssimo Sacramento marcou de forma especial o dia. Em um ambiente de silêncio e recolhimento, as crianças foram conduzidas a um contato mais direto com Cristo. Mesmo na simplicidade própria da idade, foi possível perceber a profundidade daquele momento, no qual o coração se abre e aprende, pouco a pouco, a reconhecer uma presença que não se impõe, mas se oferece.

Ao mesmo tempo, o retiro favoreceu a convivência e o fortalecimento dos vínculos entre os catequizandos. A alegria, a partilha e a proximidade ajudaram a mostrar que a fé não se vive de forma isolada, mas em comunidade. Esse aspecto, muitas vezes discreto, é essencial, pois ensina desde cedo que o caminho cristão se constrói com outros e se sustenta na relação.



Nesse contexto, é importante reconhecer e agradecer a confiança dos pais, que entregam à Igreja aquilo que têm de mais precioso, seus filhos. Sem essa abertura, o caminho catequético não se realiza plenamente. Da mesma forma, merece destaque a dedicação dos catequistas, cuja presença constante, muitas vezes silenciosa, sustenta esse processo. São eles que acompanham, escutam, orientam e ajudam a formar, com paciência e fidelidade, o coração dessas crianças.

O retiro se revelou, assim, como um verdadeiro tempo de graça. Um dia em que sementes foram lançadas no coração de cada participante, sementes que, cuidadas ao longo do tempo, têm força para crescer e dar fruto. Quando uma criança começa a reconhecer a presença de Deus, algo novo se inicia, não apenas como um momento passageiro, mas como um caminho que pode acompanhar toda a sua vida.

BATISMO FORMA FAMÍLIAS E INAUGURA O CAMINHO DE FÉ DAS CRIANÇAS

No dia 18 de abril de 2026, excepcionalmente no terceiro sábado do mês, a Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges realizou mais uma edição do Encontro de Preparação para o Batismo, reunindo pais e padrinhos em um momento de formação, reflexão e aprofundamento na fé. Mais do que uma etapa necessária para a celebração do sacramento, o encontro se apresentou como um verdadeiro caminho de consciência, no qual os participantes foram convidados a compreender o significado do gesto que estão prestes a realizar, situando o Batismo não como um rito isolado, mas como início concreto de uma vida que se abre para Deus e para a comunidade.



Organizado pela Pastoral do Batismo, o encontro ocupa um lugar essencial na vida da paróquia, porque ajuda a recolocar esse sacramento no centro da experiência cristã. A Igreja sempre reconheceu o Batismo como porta de entrada para a vida em Cristo. Como recorda o Catecismo da Igreja Católica, é por meio dele que nos tornamos filhos de Deus, membros do Corpo de Cristo e participantes de uma vida nova. Trata-se de um verdadeiro nascimento espiritual, como afirma o Evangelho ao recordar que é preciso “nascer da água e do Espírito” (cf. Jo 3,5). Essa realidade encontra seu fundamento na missão confiada por Cristo à Igreja, quando envia os discípulos a batizar todas as nações (cf. Mt 28,19), inserindo cada pessoa na história da salvação. A Bíblia Sagrada, desde o Gênesis até o Novo Testamento, revela que a água é sinal de vida, purificação e recomeço, e, em Cristo, esse sinal alcança sua plenitude, pois quem é mergulhado na água participa também de sua morte e ressurreição (cf. Rm 6,3-4). Desde os primeiros séculos, essa compreensão foi aprofundada pela tradição da Igreja, como recorda Santo Agostinho, ao afirmar que o Batismo não é apenas um gesto exterior, mas um dom que transforma a pessoa por dentro, inserindo-a numa vida nova sustentada pela graça.

No caso das crianças, esse dom é acolhido por meio da fé da Igreja, representada concretamente pelos pais e padrinhos, que assumem uma responsabilidade real e contínua. O Código de Direito Canônico recorda que cabe a eles garantir que a criança seja educada na fé, para que aquilo que é recebido no sacramento possa crescer e amadurecer ao longo do tempo. Durante o encontro, essa responsabilidade foi apresentada de forma concreta, mostrando que educar na fé não se reduz a ensinar orações ou transmitir conteúdos religiosos, mas implica criar um ambiente onde a criança possa experimentar a presença de Deus na vida cotidiana. A fé se aprende na convivência, no modo de viver, nas escolhas que se fazem e na forma como se ama. Nesse sentido, pais e padrinhos não são apenas responsáveis por um momento, mas chamados a se tornarem referência constante, capazes de acompanhar, orientar e sustentar o crescimento espiritual da criança ao longo dos anos.

O encontro, realizado regularmente no primeiro sábado de cada mês, consolida-se como um espaço de acolhida, escuta e crescimento espiritual para as famílias. Nele, a Igreja se aproxima da vida concreta das pessoas, orienta e caminha junto, ajudando a compreender que a fé não se transmite apenas por tradição, mas se constrói na experiência. Ao mesmo tempo, esse processo toca também a vida dos próprios adultos, pois preparar-se para o Batismo de uma criança torna-se ocasião para revisitar a própria fé. Muitos pais e padrinhos, ao participarem do encontro, redescobrem o sentido da vida cristã e são convidados a

retomar, com mais consciência, o próprio vínculo com Deus e com a comunidade.



O encontro vivido reafirma, assim, uma verdade essencial. A vida cristã não começa apenas no dia da celebração, mas se constrói no interior das pessoas, nas escolhas diárias e no modo como se vive. O Batismo marca o início de um caminho que precisa ser acompanhado, cuidado e sustentado ao longo do tempo. Que Deus abençoe cada família que participou deste momento, concedendo-lhes sabedoria, perseverança e amor para viver essa missão. Quando uma criança é apresentada a Deus, nasce também uma responsabilidade, conduzi-la no caminho da fé, para que sua vida seja, desde o início, marcada pela graça, pelo amor e pela presença de Cristo.

PARÓQUIA REÚNE COMUNIDADE NA FEIJOADA DO SEGUE-ME E SUSTENTA A CAMINHADA DOS JOVENS

No dia 19 de abril de 2026, a Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges promoveu a Feijoada do ENCONTRO DE JOVENS COM CRISTO – SEGUE-ME, reunindo jovens, famílias e agentes de pastoral em um ambiente marcado pela presença e pela proximidade. Ao longo do dia, mais do que a organização do evento, chamou atenção o modo como as pessoas permaneceram, conversaram e se envolveram, revelando uma comunidade que não apenas participa, mas sustenta aquilo que vive. Esse tipo de encontro, simples na forma, torna visível uma dimensão

essencial da vida da Igreja, a fé se fortalece quando encontra espaço na convivência e quando se traduz em relações que permanecem.

O SEGUE-ME, já presente há anos na vida paroquial, tem uma finalidade clara e exigente, ser ponte. Não se trata de criar um grupo fechado em si mesmo, mas de favorecer que o jovem encontre seu lugar dentro da vida da Igreja. Ao longo do caminho, ele é ajudado a dar passos concretos, a reconhecer sua própria história, a amadurecer suas escolhas e, sobretudo, a se inserir na vida paroquial, nas pastorais e



nos movimentos que dão forma e dinamismo à comunidade. Quando esse processo acontece, o grupo cumpre sua missão. Quando não acontece, corre o risco de se esgotar em si mesmo.

É nesse ponto que momentos como a feijoada ganham sentido mais amplo. Não são apenas ocasiões de convivência, mas parte de um processo que sustenta essa passagem. É ali que os vínculos se fortalecem, que o jovem se sente pertencente e que a comunidade se torna concreta. Sem esse tipo de experiência, a inserção se fragiliza. Com ela, o caminho se torna mais consistente e possível.

Essa atenção ao jovem alcança também a família. Quando um jovem encontra um espaço onde é acolhido, acompanhado e levado a refletir sobre a própria vida, isso repercute diretamente em seu ambiente familiar. Suas atitudes, suas escolhas e sua forma de se posicionar começam a ganhar outro horizonte. Por isso, cuidar da juventude é, ao mesmo tempo, cuidar da família, não por discurso, mas pelos efeitos concretos que essa experiência produz.

A presença das famílias no encontro reforça essa ligação. O jovem não caminha isolado, e sua permanência depende, em grande parte, das condições que encontra fora do grupo. Quando há proximidade entre comunidade e família, cria-se um ambiente mais favorável para que ele amadureça e permaneça. Essa integração não elimina os desafios próprios da idade, mas oferece sustentação para enfrentá-los com mais equilíbrio.

Há ainda um aspecto que não se explica facilmente, mas que se percebe. Quando a convivência acontece com

simplicidade, algo se constrói de forma mais profunda. É nesse ambiente que muitos jovens começam a levar a própria vida mais a sério, inclusive na fé, não por imposição, mas porque encontram sentido. A comunidade, nesse momento, deixa de ser apenas um espaço de atividades e se torna lugar onde a vida é partilhada de forma real.



A Feijoada do SEGUE-ME confirma, assim, uma direção importante. O trabalho com a juventude não se sustenta apenas por propostas bem estruturadas, mas pela capacidade de criar caminhos que conduzam à inserção, pela continuidade das relações e por uma comunidade que assume essa responsabilidade. Quando isso acontece, o grupo deixa de ser apenas um ponto de passagem e se torna parte de um processo maior, no qual a fé ganha consistência e a vida encontra direção.

PARÓQUIA CELEBRA 19 ANOS DO TERÇO DOS HOMENS SÃO JOSÉ E CONFIRMA A FORÇA DA ORAÇÃO NA VIDA DAS FAMÍLIAS

No dia 20 de abril de 2026, a Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges celebrou, com profunda gratidão, os 19 anos do Terço dos Homens – Grupo São José. Trata-se de uma caminhada construída ao longo do tempo, sustentada não por momentos extraordinários, mas pela fidelidade concreta de homens que decidiram permanecer. Semana após semana, em encontros simples e constantes, a



oração foi se tornando parte da vida, ajudando a dar direção às escolhas, a sustentar as dificuldades e a reorganizar, com mais serenidade, aquilo que muitas vezes se fragiliza no cotidiano.

A própria história do Santo Terço ajuda a compreender a profundidade dessa experiência. A oração do Rosário, formada ao longo dos séculos como um caminho acessível de meditação dos mistérios da vida de Cristo com o olhar de Maria, difundiu-se amplamente na Igreja, sendo tradicionalmente associada à missão de São Domingos de Gusmão. Não se trata de uma simples repetição de fórmulas, mas de um modo de rezar que introduz no ritmo do Evangelho, permitindo que a vida de Cristo seja contemplada e, pouco a pouco, assimilada. O Concílio Vaticano II reconhece o valor dessas expressões quando bem orientadas, capazes de sustentar a fé do povo e conduzir à vida litúrgica, enquanto São João Paulo II, ao aprofundar o sentido do Rosário, o

apresentou como um verdadeiro compêndio do Evangelho. Na mesma linha, Papa Bento XVI e Papa Francisco reafirmaram sua força como oração simples e profunda, capaz de acompanhar a vida nas suas circunstâncias mais concretas.



É nesse horizonte que se compreende a experiência do Terço dos Homens. Mais do que um movimento, trata-se de um caminho que ajuda o homem a retomar sua vida espiritual de forma concreta, assumindo com mais consciência seu lugar na família e na comunidade. Em um tempo marcado por pressões, dispersões e dificuldades silenciosas, muitos encontram na oração do terço um ponto de apoio que lhes permite reorganizar a própria vida, fortalecer vínculos e recuperar uma direção que, em muitos casos, havia se perdido. Ao longo desses 19 anos, o grupo São José foi se consolidando exatamente nesse sentido, não como um espaço fechado em si mesmo, mas como presença constante que sustenta, orienta e fortalece.

A repetição das Ave-Marias, longe de ser mecânica, cria um ritmo que educa o coração, favorece o silêncio interior e ajuda a confiar. É nesse movimento contínuo que muitos encontram força para enfrentar dificuldades, reconstruir relações e assumir, com mais equilíbrio, sua missão de pai, esposo e membro da comunidade. A tradição espiritual, tão cara a São Gaspar Bertoni, recorda que a vida de fé não se constrói em momentos isolados, mas na fidelidade

perseverante do dia a dia, onde Deus age de forma discreta, mas real. A referência a São José ilumina ainda mais esse caminho, homem de silêncio, responsabilidade e fidelidade, cuja vida se sustenta não em palavras, mas em decisões firmes e contínuas, especialmente no cuidado com a família.

Ao mesmo tempo, a devoção a Nossa Senhora Aparecida acompanha essa caminhada, recordando que a fé se vive também na confiança e que ninguém caminha sozinho. Ao rezar o terço, os homens aprendem não apenas a pedir, mas a permanecer, a confiar e a entregar, construindo, pouco a pouco, uma vida espiritual mais estável e enraizada. Celebrar 19 anos, assim, não é apenas recordar o passado, mas reconhecer a fidelidade que sustentou cada passo e renovar o compromisso de continuar. Em um tempo marcado pela fragilidade dos vínculos, a existência de um grupo que permanece, que reza e que se apoia mutuamente revela algo essencial, a fé precisa de continuidade para se tornar vida.



O convite permanece aberto. Todas as segundas-feiras, às 19 horas, homens continuam a se reunir, trazendo consigo suas histórias, suas lutas e suas esperanças. E é nesse encontro simples, sustentado pela oração, que algo se constrói de forma silenciosa, mas profunda, uma fé que não depende de grandes acontecimentos, mas que se fortalece na constância e na perseverança.

PRIMEIRA COMUNHÃO INSERE CRIANÇAS NO MISTÉRIO QUE SUSTENTA A VIDA DA IGREJA

Nos dias 21, 22 e 23 de abril de 2026, a Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges celebrou as Missas de Primeira Comunhão, reunindo a comunidade em torno de um momento que ultrapassa a dimensão celebrativa e toca o núcleo da fé cristã. A presença das crianças, acompanhadas por suas famílias, não expressa apenas a alegria de uma etapa alcançada, mas torna visível um movimento mais profundo, a introdução real na vida sacramental da Igreja, onde a fé deixa de ser apenas ensinada e começa a ser vivida de forma mais direta.

A Eucaristia ocupa um lugar singular nesse caminho. A Igreja sempre a reconheceu como



o sacramento no qual Cristo se faz presente de modo pleno, oferecendo-se como alimento. Como ensina o Catecismo da Igreja Católica, não se trata de uma presença simbólica, mas de uma realidade que sustenta a vida espiritual. Por isso, a Primeira Comunhão não pode ser compreendida como um ponto de chegada, mas como o início de uma participação contínua, na qual o fiel é chamado a permanecer. O Código de Direito Canônico reforça essa centralidade ao afirmar que a Eucaristia edifica a Igreja, reunindo os fiéis em comunhão com Cristo e entre si.

Essa inserção tem sua origem na própria palavra de Jesus, que se apresenta como o pão da vida (cf. Jo 6,35), indicando que aquilo que oferece não é apenas orientação, mas a si mesmo. Ao longo da tradição, essa afirmação foi compreendida como decisiva, pois estabelece uma diferença essencial entre a Eucaristia e qualquer outra forma de expressão religiosa. Aqui não se trata apenas de recordar, mas de participar, não apenas de olhar para um acontecimento passado, mas de ser introduzido em um mistério que continua a agir. É exatamente nesse ponto que a Primeira Comunhão adquire seu verdadeiro sentido. Ao receberem o Corpo de Cristo, as crianças não apenas participam de uma celebração, mas entram em uma dinâmica que pede continuidade. O que começa ali precisa ser sustentado, acompanhado e vivido. A participação eucarística, para permanecer verdadeira, exige frequência, atenção e um progressivo amadurecimento da fé, pois aquilo que é recebido como dom precisa ser acolhido, cultivado e integrado à vida.

A comunidade reunida torna visível essa responsabilidade. Pais, catequistas e familiares não são apenas testemunhas de um momento significativo, mas parte de um processo que continua. A fé que se celebra não se mantém sem um

ambiente que a sustente. Por isso, a presença da comunidade não é apenas afetiva, é estrutural, pois cria as condições para que a vida sacramental não se torne episódica, mas se integre ao cotidiano.



Há ainda uma dimensão que se projeta para além do presente. Cada criança que se aproxima da Eucaristia representa uma continuidade que não pode ser interrompida. A Igreja permanece viva porque transmite aquilo que recebeu, e essa transmissão exige mais do que celebrações bem-organizadas. Exige constância, coerência e um acompanhamento que permita à fé crescer de forma real, sem se perder com o tempo.

O que se viveu nesses dias, portanto, não se encerra na memória. A Primeira Comunhão marca um início que pede desdobramentos, uma presença que chama à fidelidade e um encontro que precisa ser retomado continuamente. É nesse retorno constante que a Eucaristia revela sua força, não como evento isolado, mas como alimento que sustenta e orienta a vida ao longo do tempo.

VIVER A LITURGIA PARA VIVER DA LITURGIA

No dia 25 de abril de 2026, a Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges realizou a 1ª Manhã de Espiritualidade da Pastoral da Liturgia, reunindo aqueles que servem nas celebrações em um tempo que foi, ao mesmo tempo, oração, formação e revisão interior. O tema escolhido não foi apenas um enunciado para orientar o encontro, mas uma síntese exigente do que significa servir na liturgia. Ele desloca o foco do fazer para o ser, lembrando que não basta organizar bem uma celebração se a própria vida não é tocada por aquilo que se celebra.

A manhã teve início com o Ofício de Nossa Senhora, criando um clima de recolhimento que ajudou a entrar, com mais verdade, no ritmo da oração da Igreja. Em seguida, a celebração da Eucaristia colocou no centro aquilo que dá sentido a toda ação litúrgica. Não se trata de mais um momento dentro da programação, mas da fonte de onde tudo nasce. É na Eucaristia que se compreende que a liturgia não é produção humana, mas participação na ação de



Deus, que reúne seu povo, santifica e conduz. Quem serve na liturgia não ocupa um lugar de protagonismo, mas se insere em um mistério que o antecede e o ultrapassa.



A formação desenvolvida ao longo da manhã aprofundou essa compreensão, mostrando que viver a liturgia implica participar com consciência, fé e interioridade. Conhecer os ritos é necessário, mas não suficiente. A liturgia pede uma adesão que envolve a pessoa inteira, inteligência, vontade e coração, permitindo que o mistério celebrado alcance a vida concreta. É por isso que a tradição da Igreja sempre a reconheceu como fonte e ápice da vida cristã. Dela brota a graça que sustenta o caminho e para ela converge tudo aquilo que a Igreja vive.

Nesse horizonte, viver da liturgia torna-se consequência natural. Aquilo que é celebrado não pode permanecer restrito ao espaço da igreja. Ele precisa encontrar continuidade nas escolhas, nas atitudes e na forma como cada um conduz a própria vida. A liturgia educa o olhar, purifica as intenções e orienta o agir. Quando isso não acontece, cria-se uma ruptura entre o que se celebra e o que se vive. Quando acontece, a fé ganha unidade e consistência.

Um dos momentos mais marcantes foi a Adoração ao Santíssimo Sacramento. No silêncio, sem necessidade de muitas palavras, os participantes puderam permanecer diante de Cristo. Ali se revelou algo essencial para quem serve, antes de qualquer ação, é necessário aprender a estar. Antes de conduzir, é preciso deixar-se conduzir. A liturgia não forma quem apenas executa funções, mas quem se deixa atingir

pelo mistério. É nesse encontro silencioso que o coração se reorganiza e que o serviço encontra sua verdade.

O encontro foi concluído com um almoço fraterno, que não foi apenas um encerramento, mas expressão concreta da comunhão vivida. A liturgia, quando verdadeiramente acolhida, não forma indivíduos isolados, mas constrói comunidade. Ela cria vínculos, sustenta relações e dá consistência à caminhada. O que se vive no altar encontra continuidade na convivência, onde a fé se traduz em presença e responsabilidade.



A Manhã de Espiritualidade revelou, assim, seu alcance mais profundo. Não se tratou apenas de um momento formativo, mas de um convite a rever o modo de estar na liturgia. Passar de uma participação funcional para uma participação existencial exige um caminho, exige tempo e exige verdade. É nesse processo que o serviço deixa de ser apenas tarefa e se torna expressão de uma vida configurada ao mistério que celebra.

Viver a liturgia para viver da liturgia não é um ideal distante. É um chamado concreto, que começa em pequenos gestos, na forma de participar, na atenção aos sinais, na fidelidade ao que se celebra. Quando isso acontece, a liturgia deixa de ser apenas um momento dentro da semana e se torna princípio que orienta a vida. E é nesse ponto que tudo se transforma.

VOCAÇÃO É QUANDO DEUS CHAMA E O CORAÇÃO APRENDE A ESCUTAR

Nos dias 25 e 26 de abril de 2026, aconteceu, no Centro Estigmatino de Pastoral, em Brasília, o Encontro Vocacional, reunindo jovens em um tempo marcado pela escuta, pela oração e pelo discernimento. A Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges esteve representada pelo jovem Guilherme Ponciano Silva, que exerce o serviço de acólito na comunidade, sinal de um compromisso já assumido com a vida da Igreja e de uma caminhada que busca crescer em profundidade. Sua presença não é apenas participação, mas expressão

de um percurso já iniciado, no qual a fé começa a se traduzir em responsabilidade concreta.

O encontro se desenvolveu em um ritmo diferente daquele que normalmente organiza a vida. Em um tempo marcado pela pressa, por múltiplas possibilidades e por decisões muitas vezes superficiais, criar espaço para o silêncio já se torna um gesto significativo. A vocação não se impõe nem se revela de forma imediata. Ela nasce nesse espaço interior onde a pessoa começa a perceber que a própria vida não é fruto do

acaso, mas resposta a uma iniciativa que a precede. Por isso, o encontro não ofereceu respostas prontas, mas ajudou a criar as condições para que cada participante pudesse entrar em um processo mais verdadeiro de discernimento.



Ao longo dos dias, os participantes foram conduzidos a compreender que a vocação não pode ser reduzida a uma escolha funcional ou a um projeto construído apenas a partir de interesses pessoais. Discernir é reconhecer que a vida é dom recebido e, ao mesmo tempo, responsabilidade assumida. Essa percepção desloca o centro da decisão, não se trata apenas do que eu quero fazer, mas do que sou chamado a ser. Em um contexto marcado por uma crescente crise de sentido, sobretudo entre os jovens, esse caminho se torna ainda mais necessário. O risco não está apenas em escolher errado, mas em viver sem direção, confundindo liberdade com ausência de compromisso. Entre escolher qualquer caminho e responder a um chamado há uma diferença decisiva, a primeira dispersa, a segunda dá unidade à vida.

A experiência vivida mostrou também que esse caminho não acontece no isolamento. A vocação se reconhece dentro da Igreja, no acompanhamento, na escuta e na vida comunitária. É nesse ambiente que a pessoa encontra critérios, amadurece suas escolhas e evita que o discernimento se reduza a impressões momentâneas. Ao mesmo tempo, compreende-se que o chamado de Deus não afasta da realidade concreta,

mas se manifesta dentro dela. Deus não começa a agir apenas quando a decisão é tomada, Ele já está presente, conduzindo a história e abrindo caminhos que, pouco a pouco, vão sendo reconhecidos.

Os momentos de oração, a escuta da Palavra, a Adoração e a convivência fraterna ajudaram a dar forma concreta a essa experiência. O silêncio diante de Deus, a partilha entre os participantes e a simplicidade da convivência revelaram que o chamado não se manifesta apenas em ideias, mas na forma como a vida vai sendo organizada, nas relações que se constroem e na capacidade de permanecer. A vocação começa a ganhar consistência quando deixa de ser apenas uma pergunta e passa a tocar a vida real.



A presença de Guilherme nesse encontro torna-se, assim, um sinal importante para a comunidade. Indica que ainda há jovens dispostos a buscar sentido, a escutar e a não se contentar com respostas superficiais. Ao mesmo tempo, recorda à paróquia sua responsabilidade, nenhuma vocação cresce sem um ambiente que a sustente. É necessário acompanhar, rezar e criar espaços onde o chamado possa ser reconhecido com liberdade, maturidade e verdade.

O encontro não encerra o caminho, mas o inicia com mais consciência. Em um mundo que exige respostas rápidas, aprender a permanecer na escuta já é um passo decisivo. É nesse espaço silencioso, muitas vezes discreto, que a vocação começa a ganhar forma.

Porque Deus continua chamando. E quando alguém se dispõe a escutar, a vida deixa de ser apenas escolha e começa a se tornar resposta.

DOMINGO DO BOM PASTOR E A RESPONSABILIDADE DE SUSTENTAR AS VOCAÇÕES NA IGREJA

No dia 26 de abril de 2026, a Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges celebrou o Domingo do Bom Pastor, quarto domingo do Tempo Pascal, reconhecido pela Igreja como o Dia Mundial de Oração pelas Vocações. A celebração não se reduz a um aspecto devocional, ela toca a própria estrutura da vida eclesial, porque coloca em evidência aquilo que garante sua continuidade, a presença de homens e mulheres que assumem, de forma estável e fiel, o serviço ao povo de Deus.

A instituição deste dia remonta ao pontificado de Papa Paulo VI, que, em 1964, no contexto do Concílio Vaticano II, convocou toda a Igreja a uma consciência mais lúcida sobre as vocações. Não se tratava apenas de rezar, mas de compreender que a vida da Igreja depende, de maneira concreta, daqueles que se dispõem a servir. Em um período de mudanças profundas, tornou-se evidente que as vocações não poderiam ser tratadas como algo garantido, mas como realidade que exige cuidado, atenção e responsabilidade compartilhada.



O Evangelho deste domingo apresenta Cristo como o Pastor que não apenas guia, mas que se compromete com a vida das ovelhas. A imagem é exigente, porque desloca o entendimento da autoridade como domínio e a recoloca no horizonte do serviço. As vocações sacerdotais e religiosas não são funções dentro da Igreja, mas formas de vida que tornam visível esse modo de existir de Cristo. A Igreja não se sustenta apenas por estruturas, mas por pessoas que assumem, com fidelidade, a missão de ensinar, santificar e conduzir.

A Igreja não pode apenas lamentar a escassez de vocações, precisa perguntar, com honestidade, que tipo de ambiente está oferecendo. Quando a vida comunitária se torna superficial, quando a fé se reduz a práticas sem profundidade e quando falta testemunho consistente, dificilmente alguém reconhecerá um chamado que exige entrega total. A questão, portanto, não é apenas pedir novas vocações, mas verificar se estamos realmente criando as condições para que elas possam nascer e amadurecer.



Em muitos contextos, percebe-se uma diminuição no número de vocações, acompanhada por uma dificuldade crescente de compromisso estável. Isso não pode ser explicado apenas por fatores externos. Há também uma transformação no modo como as pessoas compreendem a própria vida. Muitos jovens crescem cercados de possibilidades, mas sem referências sólidas, experimentam muitas opções, mas não conseguem sustentar decisões duradouras. Nesse cenário, a vocação, especialmente aquela que implica entrega total, deixa de ser facilmente compreendida.

A celebração vivida na paróquia ajudou a recolocar essa consciência de que apenas rezar pelas vocações é necessário, mas não suficiente. Mais do que palavras, percebeu-se um convite concreto, rezar pelas vocações e, ao mesmo tempo, assumir o compromisso de favorecer o seu surgimento. Quando a comunidade reza, reconhece que a vocação é dom. Quando acompanha, torna-se parte do caminho. Esse duplo movimento impede que a pastoral vocacional se reduza a discurso e a coloca no centro da vida da Igreja.

O testemunho de uma comunidade viva continua sendo decisivo. Quando a fé é vivida e testemunhada com verdade, quando há coerência entre aquilo que se celebra e aquilo que se vive, algo começa a despertar. Muitas vocações nascem, não de propostas elaboradas, mas do contato com uma vida que faz sentido. É nesse ambiente que o chamado de Deus encontra espaço para ser reconhecido.

No fundo, a questão não é apenas quantas vocações surgem, mas se a Igreja continua sendo um lugar onde vale a pena entregar a vida. Quando essa convicção se torna visível, ainda que silenciosamente, o chamado volta a ser escutado. E aqueles que respondem não apenas encontram um caminho, tornam-se resposta para um mundo que já não sabe mais por que viver.

COMUNIDADE CRISTO ALEGRIA CELEBRA 25 ANOS DE UM CARISMA QUE TRANSFORMA E SUSTENTA A MISSÃO

No dia 26 de abril de 2026, a Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges celebrou os 25 anos da Comunidade Cristo Alegria, não como simples recordação, mas como reconhecimento de uma presença que permanece viva e fecunda. Ao longo dessas duas décadas e meia, confirmou-se não apenas a continuidade de um grupo, mas a força de um carisma que cresceu, amadureceu e alcançou pessoas em diferentes realidades. Quando um carisma atravessa o tempo, não é pela organização que o sustenta, mas pela fidelidade de Deus que o mantém e o faz gerar frutos.



A origem da comunidade nasce de uma experiência concreta, enraizada na vida. Inspirada pelo Espírito Santo, ela brota no coração do Diácono Emanuel José Santos Duarte que, junto de Maria José Duarte, não buscou estruturar uma obra, mas respondeu a um chamado. O fato de surgir no ambiente familiar não é secundário, revela algo essencial, antes de ser missão, o carisma foi vida partilhada, fé vivida no cotidiano e disponibilidade para acolher. É desse chão simples que nasce uma espiritualidade que não se apresenta como discurso, mas como experiência que sustenta e transforma. A expressão “Cristo Alegria” não é apenas um nome, é uma síntese. Em um tempo em que a fé muitas vezes é percebida como peso, o carisma recorda que a alegria não depende das circunstâncias, mas nasce de uma vida enraizada em Deus. Não se trata de entusiasmo passageiro, mas de uma alegria que permanece, o que exige maturidade, porque desloca o centro da vida cristã do sentir para o viver com fidelidade.



Ao longo dos anos, essa experiência mostrou sua fecundidade. Vidas foram tocadas, histórias reorganizadas e muitos

reencontraram Deus. Esse fruto não se mede apenas pela expansão, mas pela capacidade de gerar continuidade e formar pessoas. Um carisma é autêntico quando não se esgota no início, mas continua a conduzir. A expansão da comunidade não nasceu de planejamento, mas da dinâmica própria da fé vivida. Em 2019, a presença em São Paulo, a partir do envio de Emanuel Duarte, marcou um passo importante. Sem estrutura inicial, apenas com a decisão de começar, o grupo de oração “Anjos” tornou-se o ponto de partida de uma presença construída pela escuta, adoração e comunhão. A missão começa assim, não quando tudo está pronto, mas quando alguém responde.

Em Goiânia, a presença se consolidou de forma progressiva, integrando-se à vida paroquial. A partir de 2021, os encontros semanais passaram a sustentar a caminhada de muitos fiéis. Em 2022, a consagração de João Gonzaga, arquiteto, primeiro consagrado da comunidade na cidade, indicou um novo passo, o carisma passou a se traduzir em forma de vida assumida com estabilidade. A celebração dos 25 anos, marcada pela Santa Missa, reuniu membros, fiéis e todos aqueles alcançados por essa espiritualidade, não apenas para recordar o passado, mas para reconhecer que aquilo que começou continua em movimento. Um carisma não se sustenta pela memória, mas pela capacidade de permanecer vivo no presente.

Nem toda experiência espiritual permanece. Muitas se perdem pela falta de profundidade ou de enraizamento. Quando uma comunidade atravessa 25 anos mantendo sua identidade, isso revela algo mais sólido que entusiasmo inicial, revela fidelidade construída no cotidiano e capacidade de se renovar sem perder sua essência. A presença da Comunidade Cristo Alegria na paróquia, com encontros semanais, continua sendo um espaço concreto onde essa experiência pode ser vivida. Em meio a uma realidade fragmentada, oferecer um lugar onde a fé seja vivida com verdade já é um serviço essencial.



Celebrar 25 anos, portanto, não é apenas olhar para o que foi feito, mas perguntar pela continuidade. Um carisma permanece vivo quando continua gerando resposta e conduzindo ao essencial. Porque, quando a fé deixa de ser ideia e se torna experiência, ela não apenas sustenta quem a acolhe, torna-se caminho para muitos outros.

CASAIS EM ORAÇÃO FORTALECEM A FAMÍLIA COMO LUGAR DE FÉ, UNIDADE E ESPERANÇA

No dia 28 de abril de 2026, às 20h, a Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges promoveu, no Centro Pastoral Santa Edwiges, um encontro com casais marcado por um movimento simples e, ao mesmo tempo, profundamente necessário, parar, escutar e cuidar da própria vida familiar. Em meio à rotina exigente, às responsabilidades e às pressões do cotidiano, criar esse espaço já se torna um gesto significativo, porque revela que o amor não se sustenta sozinho, ele precisa ser alimentado, acompanhado e continuamente renovado.



Com o tema “A presença amorosa de Jesus e Maria cuidando da nossa família”, a reflexão conduzida por Magno Maia Júnior e Jeane Dias Abdala ajudou os casais a reconhecer algo essencial, Deus não está distante da vida conjugal, mas presente no cotidiano, nas decisões, nas tensões, nas alegrias e também nos momentos mais frágeis. Essa percepção muda o modo de viver. A família deixa de ser apenas um espaço de convivência e se torna lugar de presença, onde o amor humano encontra sustentação em algo maior do que ele mesmo.

A tradição da Igreja sempre reconheceu na família um lugar privilegiado da ação de Deus. Não por idealização, mas por realismo. É ali que a vida acontece, onde as relações se constroem e onde as dificuldades se tornam concretas. Por isso, olhar para a Sagrada Família não significa buscar um modelo distante, na fidelidade silenciosa, na capacidade de permanecer mesmo quando nem tudo corresponde ao esperado. É nesse nível que a vida familiar se torna caminho de crescimento e maturidade.



Ao longo do encontro, foi possível perceber que a espiritualidade conjugal não se sustenta em grandes momentos, mas em pequenas decisões que se repetem todos os dias. Cuidar da relação, escutar com atenção, aprender a recomeçar e não deixar que o desgaste se torne definitivo são atitudes que, quando iluminadas pela fé, ganham outra profundidade. A presença de Deus não elimina os desafios, mas oferece uma direção para atravessá-los sem perder o sentido.

O momento também favoreceu a partilha entre os casais, criando um ambiente onde a experiência de cada um ajudava a iluminar o caminho do outro. Essa dimensão é importante, porque rompe o isolamento que muitas vezes fragiliza a vida familiar. Quando os casais percebem que não caminham sozinhos, algo se reorganiza. A comunidade deixa de ser apenas um espaço de celebração e passa a ser lugar de apoio real, onde a vida pode ser partilhada com verdade.

A iniciativa da paróquia revela uma compreensão clara, cuidar das famílias não é uma atividade entre outras, é cuidar do lugar onde a fé começa a ser vivida. É na família que os valores se tornam concretos, que a fé ganha forma e que as novas gerações aprendem, não apenas por ensinamento, mas pelo testemunho. Quando a família se fortalece, toda a comunidade se fortalece.



Mais do que um encontro pontual, momentos como este introduzem um ritmo diferente na vida. Recordam que o amor precisa de tempo, de atenção e de escolhas conscientes. Em um mundo marcado pela dispersão, recuperar esse cuidado já se torna um caminho de resistência e de fidelidade. Quando Jesus, Maria e José encontram espaço na vida familiar, não como ideia, mas como presença acolhida, algo começa a se reorganizar. O lar deixa de ser apenas lugar de passagem e se torna espaço de vida, onde o amor cresce, amadurece e encontra razões para permanecer.

ASSOCIAÇÃO POLIVALENTE SÃO JOSÉ AMPLIA SUA PRESENÇA E FORTALECE A AÇÃO SOCIAL DA PARÓQUIA

O mês de abril de 2026 revelou, com particular clareza, a presença e a missão da Associação Polivalente São José como expressão concreta da vida da Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges. Mais do que a realização de atividades ao longo do mês, o que se percebe é a consolidação de um modo de agir no qual a fé se organiza e se traduz em cuidado contínuo com as pessoas. A Associação não atua à margem da paróquia, nasce dela e por ela é sustentada, tornando-se um dos seus sinais mais visíveis no compromisso com a dignidade humana.

Desde a sua fundação, a Associação se organiza para cuidar, formar e incluir, ampliando progressivamente sua atuação a partir da participação efetiva da comunidade. Em abril, esse envolvimento se tornou ainda mais visível. As iniciativas desenvolvidas não apenas atenderam necessidades imediatas, mas criaram vínculos, fortaleceram a convivência e alcançaram famílias que, em muitos casos, dependem desse apoio para atravessar o mês com mais dignidade. São pessoas concretas, com histórias marcadas por desafios reais, que encontram ali não apenas ajuda, mas acolhimento e continuidade.



A confraternização do Verdadeiro Sentido da Páscoa, realizada nos primeiros dias do mês, reuniu crianças, adolescentes e idosos em um ambiente de partilha que ultrapassou a dimensão festiva. Ao celebrar juntos, não apenas se recordou a Páscoa, mas se experimentou algo

quando vivida com verdade, não fragmenta, mas integra e fortalece o sentido de comunidade. Esse mesmo espírito esteve presente no bazar beneficente, realizado em parceria com o grupo Mães Mônica, que alcançou famílias do bairro Parque Santa Cruz oferecendo roupas e calçados, mas também algo menos visível e igualmente necessário, a experiência de ser cuidado com respeito, especialmente para aqueles que enfrentam limitações concretas no cotidiano.

Na mesma linha de atenção integral, a palestra sobre prevenção da dengue, direcionada ao grupo “Vivendo Melhor Idade”, revelou que cuidar não se limita ao assistencial imediato, mas envolve também informação, prevenção e acompanhamento, especialmente em contextos onde a saúde exige vigilância constante.

Paralelamente a essas ações, um trabalho silencioso, mas decisivo, esteve em andamento durante todo o mês, as reformas na sede da Associação. A reorganização dos espaços e a

demolição de estruturas antigas indicam um investimento necessário, ampliar a capacidade de atendimento e oferecer melhores condições àqueles que são acolhidos. Sem essa estrutura, muitas dessas pessoas simplesmente não teriam a quem recorrer. Melhorar o espaço físico, nesse sentido, não é apenas uma questão funcional, mas um compromisso com a qualidade do cuidado oferecido e com a continuidade do serviço.



O conjunto dessas iniciativas permite compreender com mais profundidade o lugar da Associação dentro da vida paroquial. Ela não é apenas uma atividade entre outras, mas um espaço onde a fé se torna visível na prática. Em um tempo marcado por tantas fragilidades sociais, a existência de uma estrutura organizada, capaz de acolher, orientar e acompanhar, torna-se um sinal concreto de uma Igreja que não se limita a anunciar, mas se compromete com a realidade das pessoas. Ao mesmo tempo, tudo o que foi realizado só se torna possível porque há uma comunidade que sustenta essa missão, pessoas que colaboram, que doam, que se envolvem e que acreditam. A Associação não se mantém por si mesma, ela existe porque a paróquia a abraça, a apoia e a reconhece como parte de sua própria identidade.



Mais do que uma sequência de atividades, o mês de abril revelou um caminho, um modo de compreender que a fé, quando vivida com coerência, não se limita à celebração, mas se traduz em serviço contínuo, responsável e concreto. É exatamente nesse ponto que a Associação encontra sua força, não na quantidade do que realiza, mas na fidelidade com que permanece presente. Quando a comunidade assume a responsabilidade de cuidar, a caridade deixa de ser gesto isolado e se torna um modo de viver.

ASSEMBLEIA DA ASSOCIAÇÃO POLIVALENTE SÃO JOSÉ REÚNE ASSOCIADOS E CONFIRMA CRESCIMENTO DAS AÇÕES SOCIAIS

A Assembleia Geral da Associação Polivalente São José, realizada no dia 29 de abril de 2026, no Centro Pastoral Santa Edwiges, contou com a participação expressiva dos associados e marcou um momento importante na condução da vida institucional da entidade. Prevista no Estatuto como instância necessária de avaliação e deliberação, a assembleia possibilitou não apenas o cumprimento de suas finalidades formais, mas também o acompanhamento concreto das ações desenvolvidas ao longo do último ano, permitindo que os associados tomassem conhecimento direto do caminho percorrido e dos desafios que se apresentam para a continuidade do trabalho.



A presença significativa dos associados conferiu ao encontro um caráter participativo que ultrapassou a formalidade. Tratou-se de uma presença consciente, formada por pessoas que acompanham de perto a vida da Associação e que, ao participarem, contribuem para dar direção às decisões que orientam suas ações. Esse envolvimento fortalece o vínculo entre a instituição e aqueles que a sustentam, ao mesmo tempo em que garante maior consistência às iniciativas desenvolvidas ao longo do tempo.

Entre os pontos centrais da assembleia esteve a apresentação e votação do balanço financeiro referente ao exercício de 2025, momento que evidenciou o compromisso com a transparência e com a correta administração dos recursos. O parecer favorável do Conselho Fiscal confirmou a fidelidade da gestão à finalidade da Associação, assegurando que os recursos foram aplicados de maneira responsável e em conformidade com seus objetivos institucionais. Esse cuidado com a gestão não é apenas uma exigência formal, mas um elemento essencial para a manutenção da confiança e para a continuidade das ações.

Os dados apresentados durante o encontro indicaram crescimento nas receitas, ampliação das atividades e fortalecimento das parcerias ao longo do último ano. Esses resultados apontam para um aumento no alcance das ações sociais, refletido no atendimento a um número maior de pessoas



e famílias. Ainda que os números não consigam expressar plenamente a dimensão humana do trabalho realizado, eles ajudam a dimensionar a expansão das iniciativas e o impacto concreto da atuação da Associação no cotidiano daqueles que são atendidos.

A assembleia também tratou de temas próprios da dinâmica associativa, como a admissão, além de outros encaminhamentos necessários para a continuidade das atividades. Esses momentos evidenciam o caráter vivo da instituição, que se reorganiza conforme suas necessidades e busca manter-se fiel às orientações estabelecidas em seu Estatuto, garantindo que seu funcionamento acompanhe as exigências da realidade em que está inserida.

Outro aspecto evidenciado ao longo do encontro foi a relação direta entre a Associação Polivalente São José e a Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges. A Associação nasce da vida paroquial e encontra nela sustentação contínua, seja pela participação dos associados, seja pelo envolvimento da comunidade nas diversas iniciativas. Essa ligação assegura que as ações sociais permaneçam integradas à missão mais ampla da paróquia, evitando que se tornem isoladas ou desconectadas de seu sentido pastoral.

O conjunto dos elementos apresentados ao longo da assembleia permite compreender o momento atual da Associação, marcado por crescimento, organização e participação. A continuidade das atividades e a ampliação do atendimento dependem diretamente da presença ativa dos associados e do apoio da comunidade, que tornam possível não apenas a realização dos projetos, mas também o acompanhamento das pessoas atendidas.

A realização da assembleia reafirma, assim, a importância de espaços institucionais de participação e decisão, garantindo que o trabalho desenvolvido pela Associação Polivalente São José permaneça orientado por critérios de responsabilidade, transparência e compromisso com sua finalidade social.

O CAMINHO DA BELEZA RUMO AO DIVINO

Débora Ávila¹

PARTE III

A Igreja Católica constitui a maior detentora de patrimônio histórico, artístico e cultural do mundo, acumulado ao longo de dois milênios. Das grandes catedrais de Roma aos conventos coloniais de Minas Gerais, passando pelas capelas que marcam a identidade de povos inteiros, esse acervo não representa apenas marcos da fé, mas também verdadeiros tesouros da humanidade. No Brasil, segundo a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, os bens culturais da Igreja correspondem a uma parcela significativa do patrimônio nacional. Diferentemente de acervos puramente históricos, esses bens, imagens policromadas, cálices, documentos e espaços litúrgicos, permanecem vivos, em uso, e continuam a cumprir sua função espiritual enquanto testemunham a história.



A Igreja reconhece que esse patrimônio, embora sob sua custódia, não lhe pertence de forma exclusiva. Ele se insere na memória coletiva e se mantém aberto às gerações, como herança acessível a todos, independentemente de crença ou

condição social. Quem entra em um templo, mesmo sem formação teológica, percebe algo que não se explica apenas por conceitos. O espaço fala, a luz conduz, o silêncio acolhe. Templos, obras de arte e documentos tornam-se, assim, expressões vivas da fé, capazes de alcançar o ser humano por meio de uma linguagem que ultrapassa o discurso.

Foi nesse horizonte que São João Paulo II identificou um desafio da modernidade, o progressivo distanciamento das formas tradicionais de argumentação religiosa. Ao mesmo tempo, reconheceu que a Igreja conserva um caminho singular de evangelização frequentemente subestimado, a beleza. Enquanto argumentos podem ser ignorados, a experiência permanece. Permanecer alguns minutos em um espaço sagrado, deixar o olhar percorrer a arquitetura, perceber a harmonia de um ambiente pensado para o encontro com Deus, tudo isso pode reabrir o coração humano para o mistério. A preservação do patrimônio, nesse sentido, não é nostalgia, mas linguagem viva de anúncio.

É o próprio João Paulo II quem apresenta a beleza como “Via Pulchritudinis”, um caminho legítimo de acesso ao Divino. Trata-se de uma via profundamente encarnada, que se realiza por meio de elementos concretos: espaços, formas, materiais e experiências sensoriais. Ao entrar em um



¹ Arquiteta e Urbanista, Mestre em Arquitetura pelo Patrimônio no Politécnico de Torino, Itália.

templo, o fiel não é conduzido apenas por ideias, mas por uma experiência que envolve o olhar, o ouvido e o corpo. A luz que atravessa o espaço, o silêncio que se impõe, a proporção que organiza o ambiente, tudo colabora para dispor interiormente aquele que entra.

Essa via não substitui a razão nem a experiência espiritual, mas as integra. A arquitetura manifesta ordem e proporção, a liturgia conduz ao mistério, o silêncio favorece a contemplação e a beleza material sustenta e unifica essas dimensões. O edifício sagrado, portanto, não é um elemento secundário. Ele participa ativamente da experiência de fé, oferecendo as condições concretas para que o mistério seja acolhido em sua totalidade.

A construção da Igreja Matriz da Paróquia Nossa Senhora Aparecida e Santa Edwiges insere-se nesse horizonte teológico. A Instrução Geral do Missal Romano afirma que a beleza do espaço sagrado contribui para a dignidade da celebração e para a formação espiritual dos fiéis. Papa Bento XVI reforça essa perspectiva ao recordar que, em tudo o

que se relaciona com a Eucaristia, deve haver cuidado com a beleza. Materiais, proporções e organização do espaço não são elementos decorativos, mas expressão daquilo que se acredita.

Quando uma comunidade investe na construção de um templo com atenção à harmonia e à qualidade, ela realiza um gesto profundamente teológico. Afirma, de forma visível, que aquilo que ali se celebra, o Mistério Pascal, é digno de ser envolvido por beleza. A estética, nesse contexto, não é um luxo, mas uma resposta ao valor do que se vive no altar.

Em um mundo que frequentemente reduz o sagrado ao funcional, a construção do templo paroquial torna-se um testemunho. Não se trata apenas de erguer um edifício, mas de afirmar, com linguagem concreta, que a beleza continua sendo um caminho para Deus. E talvez seja justamente por isso que, ao entrar em um espaço assim, mesmo sem palavras, o coração compreende algo essencial, que o encontro com Deus não é apenas pensado, é vivido.

ARQUIDIOCESE DE GOIÂNIA AVANÇA NA CONSOLIDAÇÃO E NA EXPANSÃO PASTORAL

Leonardo Bruno²

PARTE III

Como vimos nas edições anteriores da Revista Digital A Caminho de Emaús, a história da Arquidiocese de Goiânia está profundamente ligada ao crescimento da capital e às transformações vividas pelo Estado de Goiás ao longo do século XX. A Igreja acompanhou esse processo desde o início, organizando sua presença e estruturando sua ação pastoral.

Nesta terceira parte, o olhar se volta para o período do episcopado de Dom Antonio Ribeiro de Oliveira, marcado pela expansão e consolidação das instituições arquidiocesanas. Trata-se de um momento em que a Arquidiocese, já estruturada, amplia sua atuação e busca responder aos desafios de uma cidade em pleno crescimento.

2. EXPANSÃO E CONSOLIDAÇÃO SOB DOM ANTONIO RIBEIRO DE OLIVEIRA (1986–2002)

Dom Antonio Ribeiro de Oliveira foi nomeado arcebispo de Goiânia em 23 de outubro de 1985 e tomou posse em 12 de janeiro de 1986, sucedendo Dom Fernando Gomes dos Santos após quase três décadas de um episcopado que havia

estruturado as bases da Arquidiocese. Ao iniciar seu ministério pastoral na capital goiana, encontrou uma Igreja já institucionalmente organizada, mas inserida em uma cidade



² Jornalista e advogado, Mestre em Políticas Públicas, UFG-GO

que crescia rapidamente e que apresentava novos desafios sociais e pastorais. Goiânia consolidava-se como importante centro urbano do Centro-Oeste e a Arquidiocese precisava acompanhar esse processo, ampliando sua presença nas periferias, fortalecendo suas instituições e respondendo às transformações culturais e sociais da sociedade brasileira no período pós-Concílio Vaticano II.

Durante seu governo pastoral, Dom Antonio dedicou-se ao fortalecimento das instituições arquidiocesanas e à ampliação das iniciativas educacionais, sociais e culturais da Igreja. Reforçou a atuação da Sociedade Goiana de Cultura, instituição criada por seu predecessor e responsável pela manutenção da Universidade Católica de Goiás, que naquele período consolidava sua presença no cenário acadêmico regional. Ao mesmo tempo promoveu a criação de novas instituições voltadas à reflexão histórica, à formação cultural e à promoção social, entre elas o Instituto Dom Fernando, o Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central e a Fundação Aroeira. Essas iniciativas procuravam articular fé, cultura e compromisso social, ampliando a presença da Igreja no campo educacional e no debate público. Diversas obras sociais foram implantadas ou fortalecidas nesse período, especialmente nas áreas da infância, da juventude, da família e da atenção à população idosa. Essas iniciativas buscavam responder às necessidades concretas de uma cidade que experimentava crescimento populacional acelerado e profundas transformações urbanas. A atuação pastoral da Arquidiocese passou a se expressar não apenas na vida litúrgica e sacramental das comunidades, mas também em iniciativas voltadas à promoção da dignidade humana e ao acompanhamento das realidades sociais mais vulneráveis.

Foi também durante o episcopado de Dom Antonio que se ampliou significativamente a infraestrutura pastoral da Arquidiocese. No Centro Pastoral Dom Fernando foi

construído o Auditório Santa Mãe da Igreja, espaço que passou a acolher assembleias arquidiocesanas, encontros de formação, eventos pastorais e grandes reuniões do clero e dos agentes de pastoral. A nova estrutura permitiu fortalecer a articulação entre as diversas pastorais e movimentos e consolidar um espaço de formação e planejamento pastoral para toda a Arquidiocese.

Um dos momentos mais marcantes desse período ocorreu em 15 de outubro de 1991, quando Goiânia recebeu a visita pastoral de São João Paulo II. A celebração reuniu uma multidão de fiéis e representou um acontecimento histórico para a Igreja local, fortalecendo a comunhão da Arquidiocese com a Sé Apostólica e deixando profunda memória espiritual no povo goiano. A cátedra utilizada pelo Papa permanece até hoje na Catedral Metropolitana, assim como o cálice por ele oferecido à Arquidiocese, sinais concretos daquele encontro que marcou a história religiosa da capital.

Ao concluir seu ministério episcopal em 2002, Dom Antonio Ribeiro de Oliveira deixava uma Arquidiocese consolidada em suas instituições educacionais e sociais, com presença significativa na vida cultural e pastoral da capital goiana. Sobre esse caminho já amadurecido iniciaria seu governo pastoral Dom Washington Cruz, chamado a conduzir a Arquidiocese em um período de reorganização pastoral e expansão missionária.



Horários de Missas

Segunda-feira: **06h45**

Terça-feira: **06h45 e 19h30**

Quarta-feira: **06h45, 15h e 19h30**

Quinta-feira: **06h45 e 19h30**

Sexta-feira: **06h45 e 19h30**

Sábado: **06h45 e 17h**

Domingo: **07h, 09h, 11h, 16h, 18h e 20h**

☎ **62 3259-8374** 📞 **62 98410-0165**

🌐 www.paroquiasantaedwigesl6.org.br

📷 [@paroquiasantaedwigesl6](https://www.instagram.com/paroquiasantaedwigesl6)

 **Paróquia**
Nossa Senhora Aparecida
e Santa Edwiges



Doações e Dízimo

Pix (CNPJ): 01.569.466/0119-67

Banco do Brasil

Agência 4148-3

Conta Corrente: 2.200.865-9